

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio De Mesquita Filho”

Câmpus Experimental de Ourinhos

IGOR ALBUQUERQUE

**PIXAÇÃO EM SÃO PAULO:
TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA METRÓPOLE**

OURINHOS - SP

2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio De Mesquita Filho”

Câmpus Experimental de Ourinhos

IGOR ALBUQUERQUE

**PIXAÇÃO EM SÃO PAULO:
TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA METRÓPOLE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora
para obtenção do título de Bacharel
em Geografia pela Unesp – Câmpus
Experimental de Ourinhos.

Orientador: Amir El Hakim de Paula

OURINHOS - SP

2020

A345p ALBUQUERQUE, IGOR
Pixação em São Paulo : território e relações de poder na
metrópole / IGOR ALBUQUERQUE. -- Ourinhos, 2020
62 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Câmpus Experimental de Ourinhos, Ourinhos
Orientador: Amir El Hakim de Paula

1. Pixação. 2. Território. 3. Relações de poder. 4.
Metrópole. 5. São Paulo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Câmpus Experimental de Ourinhos. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Banca examinadora

Prof. Dr. Amir El Hakim de Paula (Orientador)

Prof. Dr. Alexandre Barbosa Pereira

Prof. Me. Gabriel Grazzini Gabriel

Ourinhos, 10 junho de 2020

*“Papo de futuro é respeitar
Investir no que acredita, estudar e trabalhar
Se não for pra correr junto é cada um no seu
lugar
Mas nunca vai esquecer
Todo yute é um diamante a lapidar
Ação direta nas comunidades
Quem tá no erro sabe, não é preciso lembrar
O nosso compromisso é herança familiar
Pra que no futuro todos possam ter um
futuro melhor”.*

Monkey Jhayam

AGRADECIMENTOS

Agradeço a colaboração de vários parceiros que me influenciam e são referência na correria do dia a dia. Aos que seguem firmes na caminhada e que fazem acontecer um movimento alternativo e resistente, aqueles que buscam entendimento e questionam o mundo a nossa volta por meio da cultura de rua, seja pelo hip hop, pelo reggae, pelo funk, skate etc.

Em específico, agradeço e deixo um salve aos coletivos que desenvolvem importantes trabalhos sociais/culturais cotidianamente na cidade de Ourinhos/SP. Aquele grande salve ao Slam Subversão, CrewAtividade, LiteraRua, as Batalhas (da Pista, da Resistência etc), Coletivo Geni, Coletivo CulturÁfrica, República Sarabixa, o grande Espaço THEIA, Casa de Arte Chinforinfola, El Pueblo Posse Sistema de Som e, por fim, agradeço a resposta da República Sua Tia.

Agradeço aos professores e participantes desta caminhada teórica, reflexiva e crítica. Também faço agradecimentos à minha família, aos que acreditam no corre e na disposição de ir contra a maré, me fortalecendo e me alimentando das bases que preciso, sempre me incentivando ao estudo, ao esporte e à uma vida saudável. Forte abraço ao meu pessoal!

RESUMO

Este projeto visa o estudo da pixação, fenômeno que na cidade de São Paulo se apresentou de forma específica, conquistou notoriedade e se espalhou para outras regiões do Brasil e do mundo. Trata-se de uma movimentação que se comunica, territorializa e se apropria do espaço urbano por meio dos muros, através de linguagens e caligrafias próprias. Acirrando uma disputa constante com as propagandas, propriedades privadas e públicas num cenário metropolitano em que as relações de poder serão discutidas, introduziremos questões do movimento em suas noções territoriais em paralelo com problemáticas da principal metrópole latino-americana. Para isso, trabalharemos com uma gama de perspectivas geográficas e antropológicas, a partir da marginalidade e suas expressões territoriais. A começar com essas considerações, delimitaremos suas formas de insubordinação frente à dominação e controle social. Propondo uma perspectiva territorial de resistência, alternativa contra as imposições que acontecem na metrópole em tempos de insegurança, questionando e fomentando discussões referentes às noções do espaço geográfico e de conceitos como o de território.

Palavras-Chave: Pixação; Metrópole; Relações de poder; Território; Resistência.

ABSTRACT

This project aims the study of pixação, phenomenon that in the city of São Paulo presented of a specific way, conquered notorious and spread to other regions of Brasil and the world. Treat about a movement that communicate, territorializes and appropriate the urban space by the walls, through the own languages and caligraphy. By intensifying a constant dispute with advertisements, private and public properties in a metropolitan scenario in which power relations will be discussed, we will introduce issues of the movement in their territorial notions in parallel with the problems of the main Latin American metropolis. For that, the project will work with a range of geographic and anthropological perspectives, from the marginality and your territorial expressions. From these considerations, it will delimit forms of insubordination in the face of domination and social control. Proposing a territorial perspective of resistance, alternative against the impositions that happens in the metropole in times of insecurity, questioning and formenting discussions related the notions of geographic space and of concepts as of territory.

Key words: Pixação; Metropole; Relations of power; Territory; Resistance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
JUSTIFICATIVA.....	4
OBJETIVOS.....	6
Objetivos gerais.....	6
Objetivos específicos.....	6
1 MATERIAIS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	7
1.1 Breve discussão sobre o método.....	7
1.2 Metodologia	8
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - PIXAÇÃO E POSSIBILIDADES GEOGRÁFICAS	9
2.1 Território, territorialidade e multiterritorialidade em questão.....	9
2.2 Apresentando a pixação - São Paulo, Brasil.....	12
2.3 Questões urbanas e sociais.....	22
2.4 Relações de poder, dominação e insubordinação.....	32
2.5 Territórios alternativos e territórios em resistência.....	38
3. QUESTÕES EMPÍRICAS	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICES.....	53

Índice de imagens

Figura 1 - Apresentando a pixação.....	13
Figura 2 - Apresentando a pixação: e seus limites.....	14
Figura 3 – Apresentando a pixação: Janelas.....	16
Figura 4 - Apresentando a pixação: Escalada e corda.....	17
Figura 5 - Uniões e grifes: Círculo Forte Brasil e Unidos pela rua.....	18
Figura 6 e 7 - Apresentando a pixação: Folinhas.....	19
Figura 8 e 9 - De São Paulo a Minas Gerais: Belo horizonte.....	21
Figura 10 - A cidade edificada.....	23
Figura 11 - A cidade edificada.....	26
Figura 12 - Pixação: Ativismo ou movimento social? “A nossa luta unificou! é sem teto junto com os camelô e pixador!!!” – “A cidade é uma prisão”.....	29
Figura 13 - A cidade é uma prisa.....	33
Figura 14 - O risco.....	38

INTRODUÇÃO

“Pra nós é arte, pra sociedade não
 Correr faz parte rapaz, eu vou sagaz na missão
 Amante da pixação, nos fone tocando rap
 Incomodando os bico, estico nos fat cap
 Óh só prefeito, como a cidade tá decorada
 Invasando o escalador, o bonde da madrugada
 De rolo ou lata na mão, no apetite não traio
 Respeito o samurai que sobe pelo para-raio
 A tinta fede, pra nós já é pique colônia
 “Foscando no arregação, Picasso da babilônia”
 (Extraído da música de Nocivo Shomon – Pixadores)

Observando à pixação¹ por meio da perspectiva da ciência geográfica, percebe-se que ela expressa reflexões pertinentes a análise do espaço geográfico, uma vez que se apresentam impregnados de contradições, conflitos e representações (HAESBAERT, 2006). Sendo assim, é válido ressaltar as principais características em diversas formas de ações territoriais, para depois desenvolver e aprofundar discussões pertinentes ao espaço geográfico e sua constelação de conceitos, ou seja, caracterizaremos aqui as noções gerais do movimento em sua espacialização, para assim discutirmos conceitos que pertencem a ciência geográfica.

Os pesquisadores Pereira (2010) e Altamirano (2018), em suas dissertações, trazem delimitações importantes para adentrarmos ao tema, definindo o movimento e suas particularidades por meio da caracterização teórica da pixação, dos pixadores e de seu entendimento antropológico e artístico.

Como demonstra Zibech (2015), a cidade capitalista contemporânea se constitui através de relações de dominação e subordinação-resistência, onde o fato de existir bairros melhores e piores, demonstra um forte controle territorial em suas relações de poder. Essa questão envolve os pixadores, pois se encontram nos setores populares urbanos, vivenciando formas de controles criminais da população pobre, favelada, jovem e negra, tornando-os vulneráveis a uma rápida percepção das formas de dominação. Logo, nota-se:

¹ Define-se à grafia da palavra com x, proposta e utilizada por Alexandre Barbosa Pereira (2010) devido ao próprio uso da palavra pelos pixadores. Pois, com “x” refere-se há uma prática mais específica, das quais tratamos aqui. Já com “ch” se trata de uma generalização

[...] os pixadores são jovens que vêm, em grande parte, dos bairros da periferia de São Paulo. Tanto a periferia quanto o centro da cidade são espaços importantes para estes jovens, embora estes lugares sejam apropriados de maneira diferentes. (PEREIRA, 2010, p.10)

Como reflexo desta dominação, no senso comum, os pixadores são repudiados nos comentários, noticiários e nos discursos públicos, sendo taxados como vândalos, vagabundos etc². Numa visão institucional pública, há anos ocorrem políticas zonais contra a pixação e os pixadores, a última delas remete-se ao atual governador do Estado de São Paulo que na época prefeito, articulou a operação Cidade Linda³ consistindo em um mutirão de serviços regulares e contínuos pelos próximos quatro anos, coordenado pela Secretaria das Prefeituras Regionais, para revitalizar áreas em todas as regiões da cidade, entretanto, no decorrer do tempo, houve contradições e diversas polêmicas em sua execução.

Mais do que repudiados, acabam sendo criminalizados socialmente, tornando viável também ações menos brandas que a citada acima. A criminalização perpassa por viés repressivo e autoritário por parte do Estado. Como exemplo podemos citar o caso dos pixadores Jets jr e anormais, que foram mortos por policiais⁴ em 2014 na Mooca em São Paulo. Não sendo o único caso de retaliações e repressões, assim, é fato a truculência militar contra os pixadores.

Neste sentido do discurso e na visão de integrantes do movimento e adeptos, o ponto de vista deles simbolizam as formas de pensamento e ação frente a dominação imposta, remetendo-se ao confronto de pensamento em diversas formas. “É pra afrontar mesmo. É não estar nem aí mesmo [...] é anarquia⁵ pura. É ódio” é o que diz Cripta Djan no documentário PIXO, de 2009. Um dos notórios pixadores da cidade, Djan hoje concentra em registrar as ações da cena do pixo, assim afirma que “nosso movimento estava passando em branco.” Outra perspectiva interessante que ajuda a compreender o debate proposto, é a versão de Andy Jankovski⁶ em argumenta que o pixo não é arte e

² Para saber mais sobre a criminalização do pixo, disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/30/pichadores-sao-detidos-apos-vandalismo-em-predios-no-centro-de-sao-paulo.ghtml>> e <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/09/pichadores-desafiam-policia-e-guarda-e-postam-vandalismo-em-rede-social.html>> Acesso em: 01, maio de 2020

³ Para saber mais, disponível em: <<https://istoe.com.br/tag/cidade-linda/>> Acesso em: 5, set de 2019.

⁴ Para saber mais, disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/cinco-pms-suspeitos-por-morte-de-pichadores-na-mooca-sao-presos.html>> Acesso em 03 fev, 2020

⁵ No caso, o anarquia aqui, concebe uma aproximação entre os pixadores num viés de revolta popular na prática e não no sentido teórico de aprofundamento e desenvolvimento de correntes do pensamento anarquista.

⁶ Para saber mais, disponível em: <<http://desacato.info/a-pixacao-nao-e-arte-e-nao-e-para-ser/>> Acesso em: 5 set, 2019.

também não é para ser em sua essência: “O pixo não é Arte. A Arte é sublime, pertence ao Olimpo social cuja população periférica não possui ticket de entrada. O pixo é uma contra-arte, contra-estética, contra-cosmética social, não é feito para ser agradável. A assinatura do pixador no ponto mais alto da cidade demarca uma subjetividade, uma identidade a quem está acostumado a ser número, mera estatística. O pixo invade, se impõe, não é feito para ser estético ou bem visto, se o for perde o propósito. A pixação é um grito de resistência, de existência. É uma luta pessoal do pixador e de seu grupo contra o apagamento social cotidiano de sua classe, de sua cor. [...]”.

Essa ideia do contra a arte em que a autora busca explicitar de forma sucinta no contexto da manifestação do pixo, representa a negação do que é imposto a ser arte, mas também se remete a autoafirmação do que é o pixo, seja em sua agressividade, insubordinação e/ou clandestinidade. Apesar da problematização - do que é arte, ser profunda e exija abrangência, destacamos brevemente a passagem a fim de compor outros rumos de pesquisas.

Nesse âmbito de análise, entre os discursos públicos e ocultos é necessário evidenciar-se uma gama de propostas analíticas por Scott (2000) para ler, interpretar e entender a conduta política dos grupos subordinados num contexto de poder, hegemonia e resistência. Para isso, levaremos em consideração o valor simbólico das formas de insubordinação em sua representação espacial.

De acordo com essa perspectiva, Scott (2000) e Zibech (2015) entram em consenso ao exporem ideias ao relatar as formas de dominação e negação do protagonismo dos subordinados, tornando-os marginalizados e criminalizados, como a capoeira no passado, que apesar de diferenciações específicas e num outro contexto histórico apresentam-se importantes nas questões gerais de análise, enriquecendo o debate e o exemplificando didaticamente.

Em linhas gerais, a contextualização do movimento de forma ampla e horizontal é necessária para compreensão espacial e territorial, relacionando-se intrinsecamente com as questões da modernidade. Referentes às relações multiterritoriais de poder nas metrópoles latino americanas, correlacionadas com a insegurança, contenção, reclusão, segregação e precarização (HAESBAERT, 2014).

Por fim, outro ponto pertinente, refere-se às problemáticas na definição do mesmo enquanto movimento, porém, as intenções aqui não são de defini-las teoricamente, mas sim de serem compreendidas de forma consistente e múltipla, principalmente em suas noções territoriais.

JUSTIFICATIVA

Ao se tratar da especificidade do espaço no terceiro mundo, Milton Santos (2008) enfatiza que o espaço dos países subdesenvolvidos é marcado pelas enormes diferenças, descontinuidades e instáveis, pressionado por múltiplas influências e polarizações. Neste sentido, a realidade concreta na sociedade contemporânea, que consiste em um modo de produção capitalista, que se articula a escala global, perpassa por uma dita crise da modernidade. Ao se tratar de uma realidade tecnificada e informatizada, o contexto espaço-tempo é marcado por múltiplas formas de organização territorial, apresentando uma percepção crescente de incerteza e insegurança (HAESBAERT, 2014).

Em relação a essa crise da modernidade, nos remetemos à divergência dos debates atuais que perpassam pelas noções de pós-modernidade, delimitando diretamente a complexidade de estabelecermos as concepções aqui estabelecidas e suas problemáticas. Logo, Berman (2007) ao tratar dessas questões, caracteriza a existência pessoal e social em perpétua desintegração e renovação, agitação e angústia, ambiguidade e contradição. Num sentido de movimentar-se em busca de novas formas de realidade, beleza, liberdade e justiça através de seu fluxo ardoroso e arriscado. Assumindo assim à modernidade ao pensarmos a metrópole e suas condições contemporâneas.

Nesta pesquisa, relacionamos a movimentação dos pixadores, com as pesquisas de Haesbaert (2014) apresentando-se de suma importância ao buscarmos no âmago do debate, discussões relacionadas ao espaço geográfico e sua multiterritorialidade, uma vez que essa conjuntura compõe a vida cotidiana da metrópole. Respectivamente, trataremos de questões atreladas às relações de poder da modernidade no Séc. XXI, tendo em vista problemáticas como dominação, subordinação, disciplinarização e doutrinação nas relações sociais.

Simplificando e parafraseando O Rappa, questionamos: “O que as paredes pixadas têm a nos dizer? O que os muros sociais têm a nos contar? Por que aprendemos tão cedo a rezar?”, ou seja, o que antecede e fortalece o movimento no espaço urbano traz questões pertinentes à perspectiva geográfica, buscando reflexões em sua totalidade do espaço, visto a partir de suas contradições e conflitos.

Aqui, é de fundamental importância apontar o pixo como uma forma de comunicação/expressão da juventude periférica, sendo essa, uma das formas de expressão de uma juventude silenciada pela criminalização do pixo, do funk etc.

É neste contexto amplo que se fortifica a pixação, oriunda da capital paulistana que nas ruas chama atenção e confronta os espaços públicos e privados, ganhando holofotes por pesquisadores do mundo todo ao se atentar a um fenômeno na metrópole número um da América latina.

Remetendo-se às considerações da pesquisa sócio-espacial (SOUZA, 2013) buscamos interagir as ações territoriais dos pixadores aos aspectos geográficos, ligados à apropriação do espaço geográfico em que vivem e se articulam. Para isso, entendemos as noções territoriais estabelecidas, buscando delimitar conceitualmente territorializações no sentido estrito e no sentido amplo, direcionando um âmbito político.

Outro aspecto que demonstra a pertinência do tema é a valorização da pequena quantidade de trabalhos voltados ao tema – o que não os torna menos importantes ao debate geográfico. Esses trabalhos apresentam outra ótica e/ou perspectiva analítica em relação à adotada aqui, que busca demonstrar a relevância do tema com discussões voltadas para práticas juvenis atreladas a cultura e sociedade, relacionando-se de forma somatória.

No caso, geógrafos que brevemente perpassam ao tema e também abordam a pixação numa perspectiva territorial com somatórias apesar das diferenças de suas óticas, obviamente voltadas cada qual para o seu campo de pesquisa, Souza e Bruce (2004), Gabriel (2015) e Shishito (2018) contribuem para a expansão consistente nos caminhos geográficos.

Isso posto, essa pesquisa é importante para o pensamento geográfico, pois busca aprofundar o debate sobre pixação no contexto urbano e aprofundar suas noções territoriais. O embasamento teórico busca autores que discutem uma geografia contemporânea e crítica para interpretarmos os aspectos da sociedade em seus aspectos urbanos, sociais e políticos.

OBJETIVOS

Objetivos gerais:

Averiguar e compreender a pixação paulistana como prática espacial territorial-simbólica frente as problemáticas da metrópole, do planejamento urbano e as relações de poder na modernidade.

Objetivos específicos:

- 1- Identificar e problematizar aspectos da pixação na cidade de São Paulo frente as relações de poder;
- 2- Discutir de forma empírica e teórica noções geográficas e territoriais da pixação paulistana;
- 3- Analisar as noções simbólicas e representativas da pixação paulistana, através das linguagens, comunicações e símbolos na metrópole paulistana, ressaltando seus aspectos geográficos.

1. MATERIAL E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1 Breve discussão sobre o método

A principal intenção de uma breve discussão sobre o método se remete a calorosos e interessantes debates ao longo da graduação, conjuntamente com o interesse pessoal em aprofundar-se na ciência geográfica e na filosofia. As constatações aqui abordadas baseiam-se nas obras de Sposito (2004) e Haesbaert (2014) entre outros autores.

Sendo assim, demonstra-se a importância da discussão do método em Geografia:

Para Santos (1996, p. 62-3), a questão do método é fundamental porque se trata da construção de um sistema intelectual que permita, analiticamente, abordar uma realidade, a partir de um ponto de vista, não sendo um dado a priori, mas “uma construção”, no sentido de que a realidade social é intelectualmente construída. (SPOSITO, 2004, p24).

Essa passagem nos traz a justificativa para com a necessidade da discussão do mesmo. Assim, em nossa pesquisa, ao buscarmos aproximação da realidade concreta, convergimos por utilizarmos um conjunto de teorias, conceitos, categorias e leis (geográficas e filosóficas) que auxiliam a interpretação da realidade.

A definição de método concebida se apresenta por meio da noção de totalidade, porém com divisões para sua compreensão:

[...] o método não pode não pode ser abordado do ponto de vista disciplinar, mas como instrumento intelectual e racional que possibilite a apreensão da realidade objetiva pelo investigador, quando este pretende fazer uma leitura dessa realidade e estabelecer verdades científicas para a sua interpretação. (SPOSITO, 2004, p.23).

Sendo assim, em nossa pesquisa buscamos elaborar em sua totalidade, desde o referencial teórico ao seu desenvolvimento perspectivas ligadas à geografia crítica. Sobre os conceitos e a categoria, ramificam-se diversos deles, compondo a pesquisa, como: tempo, cotidiano, linguagem, espaço, paisagem, território, lugar, segregação sócioespacial, globalização etc. Visto que a pesquisa busca contribuir para análise da pixação inserida no espaço geográfico.

Como demonstra Haesbaert (2014), as categorias analíticas (constelação ou sistema de conceitos) que mergulhados na categoria espaço, se ordenam e se reordenam constantemente a partir das problemáticas que enfrentamos, assim, nos ajudam a possíveis interpretações do objeto de estudo aqui escolhido. Sendo assim, as categorias são inerentes ao objeto de pesquisa, como “formas de conscientização dos conceitos” (TRIVIÑOS, 1967, p.54) se apresentando como uma noção genérica da realidade homem/natureza. Portanto, demonstra-se que as categorias são mais amplas que os conceitos.

Evidenciamos que o levantamento bibliográfico sobre o método é sucinto e sintetizado, para que as definições aqui presentes nos levem a considerações entre a realidade e também dos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

1.2 Metodologia

O procedimento metodológico constituiu-se em pesquisa bibliográfica e empírica utilizando apoios com materiais em diversos formatos, como: filmes, documentários, músicas e materiais bibliográficos como: dissertações, artigos, TCC's, livros e revistas.

A metodologia de pesquisa, a priori, foi empírica, vivenciando as práticas espaciais dos pixadores, para que, em seguida, os anos e o arcabouço teórico do curso de geografia possibilitassem um aprofundamento teórico e reflexivo sobre a delimitação do tema.

Os procedimentos metodológicos adotados se demonstram de fundamental importância, sendo: conversas informais a entrevistas formais com pixadores. Somam-se também, de suma importância, os inúmeros materiais disponibilizados na web, como: fotos, vídeos, músicas, artigos publicados em blogs, grupos nas redes sociais etc. Já as discussões no capítulo posterior, apresentarão as constatações da pesquisa ao longo dos anos, relacionando-as com os conceitos geográficos.

Os respectivos materiais utilizados foram: 1) documentários: PIXO, 2010 English Subtitles a film by João Wainer and Roberto T. Oliveira (youtube); Luz, Câmara, PICHANÇA. 2016 Direção: Gustavo Coelho, Marcelo Guerra e Bruno Caetano (youtube); Sem comédia Brasil. Vol1 ao 5 (youtube); Profissão Repórter. Exposição de Arte e caso de Polícia em São Paulo 2016 (youtube); Cidade Cinza, 2013 Direção: Marcelo Mesquita, Guilherme Valiengo; 2) Imagens e fotos; 3) Músicas: Nocivo Shomon – Pixadores e Pixadores II; O Rappa - Brixton, Bronx Ou Baixada; Grilo 13 – Pixar é humano, Grilo 13 – PíxoMemo; DV – Hino.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – PIXAÇÃO E POSSIBILIDADES

Neste capítulo introduziremos a apresentação geral e caracterização da pixação, para posteriormente adentrarmos as discussões pertinentes ao debate geográfico.

De início, utilizaremos, majoritariamente, autores que realizaram dissertações sobre o movimento analisado, como Pereira (2005) e Altamirano (2018), para assim construirmos reflexões e discussões no campo conceitual e analítico da geografia, trazendo noções territoriais em suas respectivas escalas.

A proposta é uma análise na metrópole contemporânea, buscando abstrair a dimensão múltipla da realidade por meio das contradições e conflitos existentes, com o viés de adentrar debates teóricos sobre relações de poder, apropriações e dominação do espaço.

2.1 Território, territorialidade e multiterritorialidade em questão

Ao buscarmos reflexões gerais se tratando de uma totalidade na análise, o espaço geográfico compõe dimensões da realidade com a qual a sociedade mantém contato e participa de suas transformações. Por isso, discutiremos brevemente a contextualização do espaço geográfico para depois adentrarmos aos conceitos e perspectivas relacionados à pixação.

Embora as discussões realizadas frente os conceitos aqui estabelecidos não encontrem exatamente uma resposta precisa, é importante perceber o avanço teórico em suas principais questões e desdobramentos, para assim utilizarmos como ferramentas de

análise. Logo “nesse sentido, todo espaço geográfico é também ação, movimento e representação simbólica” (HAESBAERT, 2014, p.37).

Ao se tratar do espaço geográfico como ação, movimento e representação simbólica, destacamos referências factuais da pixação enquanto movimentação visual e estética; cultural e interativa; e socialmente simbólica. Nesse aspecto, temos uma gama de características enfatizadas e exploradas na apresentação do que é o pixo, como os points, letreiros, vertentes e a própria disposição dos pixadores.

Neste aspecto, caminhando conjuntamente a essa perspectiva, temos como exemplo o esboço de constelação de conceitos com grau de abertura entre conexões conceituais, a partir e centrado no conceito de espaço.

Haesbaert (2014) também retoma essas noções por meio do conceito espaço, demonstrando que os conceitos estão ligados a análise espacial, possibilitando uma elaboração de uma constelação de conceitos. Entretanto, demonstra-se:

Conceitos geográficos como espaço e território revelam um pouco esse ir e vir dos problemas a que se referem a sua diferenciação ao longo da história. [...] Além de uma revelação do já dado, do já produzido, o conceito também indica um caminho, uma conexão (ou uma série de conexões), um devir. (HAESBAERTS, 2014, p.29)

Nesse sentido, a principal indagação em convergência, remete-se a transformação histórica desses conceitos, sendo úteis à nossa problemática estabelecida, que dialoga com as questões territoriais dentro o espaço geográfico.

Em consonância:

Ao tratarmos o espaço geográfico a partir de nossos conceitos fundamentais, destacamos, ou melhor, focalizamos algumas de suas propriedades e/ou dimensões, nunca esquecendo que o que define nossa focalização, o privilegiamento de uma dessas dimensões, são as questões ou problemáticas que buscamos enfrentar. Assim, quando enfatizamos ou focalizamos esse espaço através de questões ligadas às relações ou práticas de poder (que é também - e às vezes sobretudo - poder econômico), estaremos de alguma forma nos referindo ao espaço enquanto território. (HAESBAERT, 2014, p.43)

No caso, o foco sobre a ótica nas relações sociais e de poder que envolvem questões de caráter mais simbólico, ou mesmo subjetivas, concebido como espaço vivido, faz com que trabalhamos nas questões territoriais. Adentrando no debate sobre território, territorialidade e à multiterritorialidade Haesbart (2014).

Dentre essas questões conceituais e teóricas, admitimos que a principal intenção aqui estabelecida, é:

Nesse sentido, o território - ou, melhor ainda, os processos de desterritorialização, para enfatizar a dinâmica que constantemente o recompõe -, como o próprio poder, não pode ser tratado simplesmente na esfera das relações jurídico-administrativas, embora nelas encontre, é claro, uma das questões fundamentais a ser analisada. Se o poder, como afirma Foucault, implicam sempre resistência, que nunca é exterior a ele, os grupos subalternos ou “dominados” na verdade estão sempre também (re)construindo suas territorialidades, ainda que relativamente ocultas, dentro desse movimento desigual de dominação e resistência. (HAESBAERT, 2014, p.44)

Para adentrarmos ao conceito de território é válido a presença e o adendo referente ao próprio conceito, pois:

[...] nossos conceitos, moldados para enfrentar problemáticas no campo das práticas do poder, acabam sendo re-apropriados e re-feitos na própria prática e luta política de diferentes grupos sociais que, num rico contexto latino-americano de formulações de resistências, devem cada vez mais ser ouvidos - não apenas pela política hegemônica que por muito tempo inviabilizou, mas também pelo próprio mundo acadêmico que, muitas vezes apenas a distância, pretende “compreendê-los. (HAESBAERT, 2014, p.51)

Ao se remeter ao conceito de território frente ao desenvolvimento do mesmo, nota-se paradigmas entrepostos entre uma perspectiva zonal, ligada a terra-território em contraste com uma visão mais recente sobre as discussões até então efetivadas. Então:

Poderíamos mesmo afirmar, numa leitura mais ampla e genérica, não dualista, que se desdobram pelo menos dois grandes “paradigmas” de abordagem das questões territoriais, um que podemos denominar de hegemônico, capitaneado, sobretudo pelas grandes empresas (com o freqüente apoio do Estado), e outro, contra-hegemônico, liderado sobretudo, numa linguagem gramsciana, pelos grupos subalternos. (HAESBAERT, 2014, p.52)

Por mais que não exploraremos minuciosamente certos debates evidenciados aqui, as necessidades dessas relações estão enfatizadas devido ao nosso objeto de estudo proposto, uma vez que, a pixação surge frente às políticas zonais e hegemônicas na ordenação do espaço urbano, o movimento em si apresenta peculiaridades simbólicas e subjetivas, fazendo com que ocorra essa ampliação da definição do conceito de território.

Prosseguindo, o território se apresenta também, como algo que se expressa subjetivamente e simbolicamente nesse caso. Relacionados com a pixação e todo o proceder da mesma, efetivamente carregam referências, marcas e identidades na disputa pelo espaço, tanto no sentido físico, do imóvel/propriedade quanto no sentido simbólico, numa concepção de linguagem e de comunicação humana.

Logo:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas com o tradicional poder político. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. (HAESBAERT, 2014, p.57)

Sendo assim, ao se tratar de territorialidades especificamente, como no nosso caso, compreende-se:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como dão significados ao lugar. (HAESBAERT, 2014, p.59)

Então, a proposta aqui é confluir essas possibilidades conceituais complexas, obtendo interação entre território de dominância funcional para com uma territorialidade e/ou território de dominância simbólica. Demonstrando o contexto e a complexidade do conceito aqui exposto, tendemos a enfatizar também as derivações do conceito de território, como territorialidade à multiterritorialidade de Haesbart (2004).

Isso se dá, por que temos uma dupla conotação do conceito (material e simbólica), podendo afirmar que as relações de dominação e/ou apropriação sociedade-espaço vai de uma formas de dominação político-econômica até a apropriação mais subjetiva e/ou cultural simbólica. (Haesbaert, 2004a:95-96)

Logo, a multiterritorialidade contemporânea se faz evidente, envolvendo uma grande multiplicidade de territórios e de territorialidades, principalmente através da rede e suas formas de comunicação, expandindo as formas de multiterritorialização.

2.2 Apresentando a pixação – São Paulo, Brasil.

“Enquanto você reclama mais uma parede é pixada

Ataque de foscada dedo sujo anti-fascismo

Artistas da madrugada, salve o vandalismo

Pé nas costa o terror

Verdades vou escrever

E a sociedade que julga... nunca vai entender”.

Pixadores 2 – Nocivo Shomon.

Ao apresentar a pixação à comunidade acadêmica, somam-se inúmeras particularidades do movimento em suas ações territoriais, porém, mesmo para quem não está inserido nesse convívio social, fica óbvio sua presença na paisagem das principais metrópoles brasileiras, uma vez que não notar a interferência dos pixadores é praticamente impossível.

Para um entendimento mais preciso de suas particularidades, é de suma importância se atentar aos materiais referenciais deste trabalho, uma vez que contam com um rico suporte em diversos formatos, como dissertações, fotos, vídeos, documentários, filmes etc. Pois, a proposta desta pesquisa não tem intenções em enfatizar passo a passo, a definição do mesmo, mas sim dar um salto qualitativo da análise sobre pixação inserida no espaço geográfico.

As inúmeras particularidades do movimento estão atreladas às questões de diversas gêneses, desde suas formas de comunicações, linguagens e identidades, até questões como formatos estéticos dos letreiros e traços (alongados e pontiagudos) nas suas ações territoriais e em suas inter-relações nas práticas espaciais.

Sendo assim, demonstra-se:

Há nestas pixações um padrão estético peculiar, seguido e altamente valorizado pelos pixadores. Os contornos das letras têm que ser bem expressivos e o traço, firme [...] No pixo, cada letra tenta exprimir a exclusividade daquilo que ele está estampando através de um formato único dado ao que ele pixa. Com isso, as letras tomam contornos bem angulosos, dificultando a compreensão do que é escrito. (PEREIRA, 2005, p.15-16.)

Aqui, nota-se uma das suas principais formas características e de identidade sobre o objeto de estudo. Trata-se de uma apropriação do espaço urbano específico, através das letras agressivas, transgressoras e dotadas de repulsa no senso comum que na principal metrópole brasileira, ganhou holofotes e simpatizantes no mundo todo, contraditoriamente.

Para explicitar didaticamente, a figura 1 ilustra o objeto de estudo em suas características mais marcantes no cenário paulistano. Essa estética, os riscos em destaque chamam atenção e esboçam inúmeros questionamentos para a população. Como se pode

observar, a predominância dos pixos ressaltam os aspectos pejorativos da região metropolitana, esgrachando nos muros a desigualdade, insegurança, repressão, dominação e insubordinação.

Figura 1 - Apresentando a pixação.



Fonte: @besidecolors, disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByXs8HbhHP0/>

Outro aspecto importante a ser mencionado remete-se aos próprios nomes riscados nas paredes da cidade, pois nos trazem questões peculiares que convergem com o sentido transgressor, subversivo e obscuro, sendo:

Há um número considerável de pixos que se referem às idéias de sujeira, criminalidade, marginalidade, transgressão, loucura etc [...] Como: A Máfia, Bandit's, Febem, Fugitivos, Vândalos, Lixomania, Sujos etc. Adaptado de PEREIRA, 2005, p.28-29)

Numa perspectiva mais ampla, consideramos:

A manifestação se coloca como uma oposição às regras em diversas dimensões: às regras da legislação, pois configura crime; e às regras dos modos como se experiência o espaço urbano na São Paulo fragmentada – programado, hostil para com as alteridades e esvaziado pelo medo, pela ausência de espaços pedestres ou pela euforização do isolamento dos espaços homogêneos em detrimento à convivência heterogênea [...] a pixação surge como uma contestação das normas do gosto e, assim, não só rejeita a dinâmica do habitus secundário no contexto de São

Paulo, como questiona os princípios que regem a categoria universalizada do bom gosto ou da norma culta. (ALTAMIRANO, 2018, p.163)

As citações situam a complexidade da manifestação em suas diversas formas, ligadas a contradição em vários âmbitos da vida humana. A oposição, o contexto e a contradição apresentam ligações diretas com a produção do espaço urbano. Permitindo-nos refletir sobre relações de poder em seus diversos níveis na sociedade contemporânea.

Para se atentar a intensidade e o que o movimento representa, objetivamente é buscar compreender os riscos e os limites travados em suas ações territoriais, tanto quanto a repressão policial e o controle social existente na cidade e quanto ao próprio ato de escalar e invadir propriedades privadas para deixar suas marcas como forma de confronto. Na figura 2, observa-se que o movimento é capaz de surpreender os limites do possível, ao dominar externamente a fachada de um prédio.

Figura 2 – Apresentando a pixação: e seus limites.



Fonte: @besidecolors, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxXosNhntcO/>

Nesse sentido, uma passagem fundamental no marco histórico da pixação é o fato da organização dos mesmos terem realizados uma série de ataques⁷ que colocavam em xeque discursos a respeito da arte.

Os autores Altamirano (2018) e Shishito (2018) aqui citados, discutem diretamente a passagem fundamental para se compreender a essência do pixo frente ao grafite, principalmente dentre a relação próxima entre ambas, complexas e contraditórias - entre grafite e pixação. Nota-se proximidades e dissidências, convergências e divergências, dada as condições estéticas, mercadológicas e políticas de cada uma.

Adiante, em confluência para caracterizações gerais do movimento analisado, atente-se se:

A pixação em São Paulo teve diversas fases desde que ela por aqui surgiu. Celso Gitahy (1999), grafiteiro e estudioso do tema, identifica quatro destas fases. A primeira corresponderia ao início, em meados da década de 1980, em que pixadores deixariam seus próprios nomes pela cidade. Na segunda fase, surgiria uma maior competição pelo espaço e, ao invés do nome próprio, passa-se a usar o pseudônimo de grupos que desejam se tornar mais conhecidos que os outros. Na terceiro, Gitahy aponta o momento em que pixadores começam a driblar porteiros e zeladores de prédios para pixar nos lugares mais altos, esta é a fase em que quanto maior o risco melhor. Com a imprensa voltando suas lentes para os pixadores, surge o que este autor denominou de quarta fase [...] “Nessa fase a pichação atingia seu auge, quando o maior acontecimento na mídia, aquele que gerasse a maior polêmica, era o que todos os pichadores queriam. Aparecer, acontecer, desafiar as autoridades ou realizar obras inusitadas passou ser a ordem do dia. (PEREIRA, 2005, p. 37)

Ao se tratar do desenvolvimento e das características do movimento, é válido ressaltar o contínuo processo de amadurecimento e expansão da mesma. Sendo que a cada ano, vem ganhando espaço por meio de novas articulações políticas⁸ e também por meio da expansão territorial e regional⁹.

Adiante, nota-se um adendo sobre as modalidades da pixação, de acordo com seu desenvolvimento ao longo do tempo, (ALTAMIRANO, 2018) devidamente complementa que com o passar dos anos, as modalidades evoluíram e se transformaram,

⁷ Para saber mais, disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,bienal-sofre-ataque-de-40-pichadores-no-dia-da-abertura,267070>> Acesso em: 5, set de 2019.

⁸ Remete-se as articulações dos expoentes, e do movimento em si, trabalhando na promoção de eventos, comunicação, filmes, documentários etc. Como exemplo, o filme “URUBUS” que está em produção ainda.

Para saber mais, disponível em: <<https://www.facebook.com/djanivson/>> Acesso em: 12 fev, 2020.

⁹ Atente se a expansão da noção de pixação surgida na capital paulista, também, em outros Estados, como Belo Horizonte, Curitiba etc.

podendo denominá-las como chão, prédio, pé nas costas, cabo, escada, janela, escalada e corda.

Figura 3 – Apresentando a pixação: Janelas.



Fonte: @besidecolors, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxfQsMNhyAZ/>

Nas figuras 2, 3 e 4 apresentam-se as modalidades de escalada, janela, corda e cabo, que se resumem, basicamente, as formas que foram utilizadas para o ato de pixar e registrar a sua “marca” territorial. As ilustrações são de total importância para compreender a dimensão do movimento aqui discutido, demonstrando que a pixação, se encontra profundamente marcada por questões políticas e sociais.

Apesar de não termos intenções de demonstrar uma a uma, pois já foi feito pela autora, o interesse em expor essas características são para entendimento geral de sua dinâmica, para assim, conciliar com as propostas analíticas aqui adotadas.

Figura 4 - Apresentando a pixação: Escalada e corda.



Fonte: @besidecolors, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BySqFxnBqRW/>

Em síntese, para delimitarmos de fato o movimento que aqui tratamos, buscamos organizar sinteticamente, e de fácil leitura, duas principais características que se expressam no dia a dia dos pixadores em suas relações com o espaço urbano.

A primeira está ligada aos points dos pixadores, que:

Eles têm como palco principal de atuação a rua, local onde pixam, encontram os amigos e resolvem os conflitos [...] Não por acaso, afirmam pertencerem a uma “cultura de rua. (PEREIRA, 2015, p.44)

Ou seja, os points nada mais são do que locais de encontro periodicamente relativas (semanais e/ou mensais) entre os pixadores, para trocarem ideias, formarem uniões, estabelecerem amizades, marcarem roles etc. Hoje em dia apresentam-se diversos points localizados estrategicamente, ao longo da malha urbana metropolitana. O pico estratégico, vem no sentido de pontos em comum e de favorável recreação do movimento de rua, praças, centros comerciais etc.

Outra passagem interessante se refere aos roles, folinhas, griff's e as uniões. Respectivamente e breve, os roles são as ações nas madrugadas que ocorrem o ato de pixar, as folinhas são as assinaturas em papéis para serem trocadas e disseminadas entre os pixadores, já as grifes desempenham os papéis do grupo, que executam o mesmo símbolo, e as uniões representam a junção de grifes (PEREIRA, 2005).

Figura 5 - Uniões e grifes: Círculo Forte Brasil e Unidos pela rua.

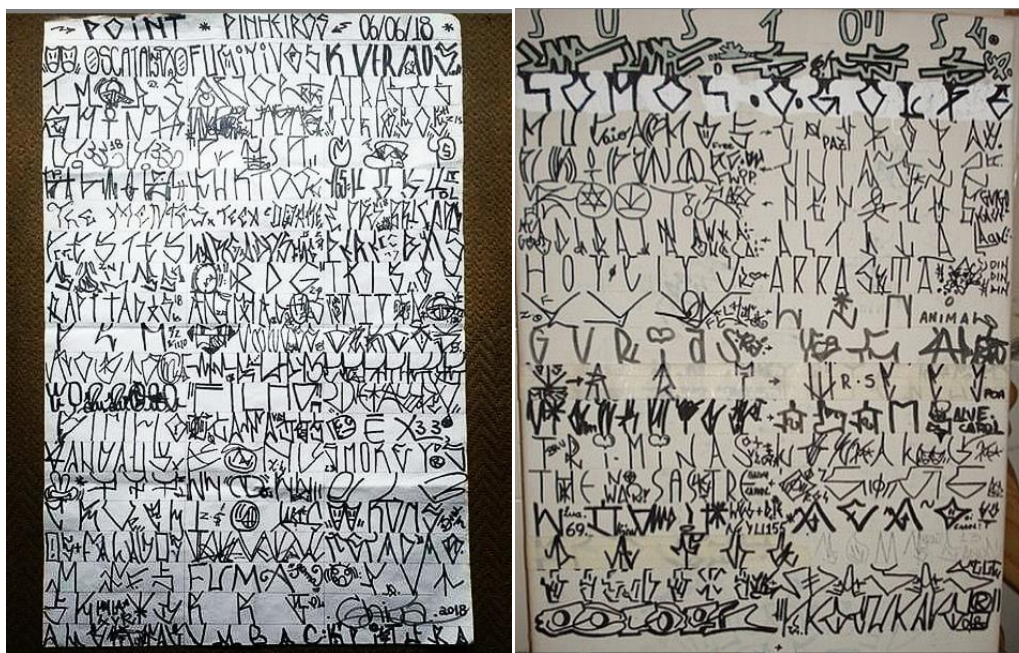


Fonte: @criptadjan, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BTmHOqOgqQt/>

No contexto da apresentação da pixação, é válido expressar em imagens suas características, peculiaridades e seu desenvolvimento estético, político e territorial. Na figura 5, temos um “bloco” de pixadores que se articula para fazer acontecer a propagação de suas práticas espaciais, trazendo o mapa do Brasil com as uniões e as griffs citadas.

Já nas figuras 6 e 7, resgatamos folhinhas produzidas em encontros de pixadores, sejam elas em festas, points etc. A assinatura, os colecionadores, as trocas de ideias e de uniões atua no fortalecimento da cultura, que se destaca notoriamente nesse aspecto.

Figura 6 e 7 - Apresentando a pixação: Folinhas.



Fonte: @pixasampa, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BkFc13AnpZ7/>
<https://www.instagram.com/p/BcfUsC5BC4e/>

Em convergência, os dois principais autores que embasam a definição de pixo aqui estabelecidas (ALTAMIRANO, 2018) e (PEREIRA, 2005) nos remetem às práticas territoriais e atividades oriundas da juventude periférica, ou seja, evidentemente atrelados a noção de manifesto das margens com alto grau de relação política, cultural e social desses grupos, principalmente por apresentar dinâmica na relação centro – periferia.

Ao tratarmos de questões urbanas, que mais a frente será elaborada e discutida, é importante contextualizar o desenvolvimento da cidade de São Paulo e as possíveis relações com esses jovens periféricos, que em sua formação apresenta complexidades nos principais processos de transformação da metrópole.

Uma combinação atrelada a diversos fatores, que inclusive são objetos de estudos muito bem elaborados por geógrafos, como segregação, expansão territorial, controle social, repressão e exclusão. Observam-se questões diretamente atreladas à formação histórica e social da grande São Paulo, desde a noção de uma São Paulo europeia, até as atuais medidas públicas, ocorridas na metrópole global contemporânea.

A pixação articulada em São Paulo que se dissemina para outras cidades e países, demonstra que essa contraditória ação territorial e/ou prática espacial dos jovens da periferia de SP, visto pelo Estado, pela mídia e pelo senso comum criminalizados, despertou interesses e se disseminou para Belo Horizonte, Goiania, Recife, Alemanha,

Nova Iorque etc. A expansão da pixação ocorreu devido a própria movimentação territorial estratégica ao registrar um grande movimento que germinava na metrópole paulistana.

Para elucidar melhor essa propagação do pixo a nível internacional e em diversas escalas, demonstramos passagens na história do movimento para explicitar a sua dimensão, sendo assim, podemos destacar a exposição do pixador Cripta Djan “Em nome do pixo” que celebrou seus 20 anos de pixação e também outras mostras que levaram a singular cultura do pixo nacional a bienais de arte contemporânea em Paris e Berlim, ele estreou sua primeira residência solo na Europa, em Birmingham, na Inglaterra, recentemente, com a série de murais *In The Name of Pixo*¹⁰. entre outras atividades realizadas.

Outro aspecto, temos:

Sérgio Miguel Franco, pesquisador da área da Sociologia da Arte, também curador de exposições que levaram a pixação para instituições de arte, incluindo a Bienal de Berlim, em 2012, apresenta em sua dissertação de mestrado *Iconografia da Metrópole: grafiteiros e pixadores representando o contemporâneo* (2009) as relações entre a pixação e o grafite na história da cena urbana em São Paulo, e aponta as relações com a cena artística contemporânea [...] (ALTAMIRANO, 2018, p.134)

Outro adendo viável e que busca uma atualização da caracterização da pixação nas pesquisas científicas, remete-se a afirmação de Alexandre (2005) ao afirmar que a pixação é predominantemente masculina, e que a presença feminina se dá principalmente por meio de namoradas e amigas que acompanhavam os pixadores. No entanto, a presença masculina ainda é predominante, porém, é notável que as mulheres pixadoras vem se multiplicando e abrindo espaço para outras interpretações. Como exemplo, podemos citar a “SUSTOS” carol. “DONAS” glu. “ENERI” psm. “PIXA.GIRL”, “TRAVERSA”, “ATOMICA” rde. “SUJEITAS”, “AS + XEGADAS”, “LOBA” gi. etc.¹¹ Nesse sentido, ainda há contradições da pixação frente a posicionamentos e predominância de pensamentos e práticas - machistas - entretanto, há o aumento de mulheres adeptas e praticantes do ato de pixar se destacando.

¹⁰ Para saber mais, disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/z4b7da/exposicao-pixo-cripta-djan> Acesso em: 5 set, 2019.

¹¹ Consultar redes sociais, entrevistas, documentários etc. Disponível em: <https://www.instagram.com/bella_ama_janela/>, <<https://www.instagram.com/gludonas/>> Último acesso em, 21 de junho de 2020

Outro ponto pertinente a ser mencionado e posteriormente elucidado através das questões empíricas - via entrevista, nota-se influência do mesmo, em outras regiões. Ao longo da história da pixação houve articulação, troca de experiências e desenvolvimento mútuo em outras metrópoles. Ou seja, também se demonstrou presente nas ruas de outros Estados e Países, ampliando o leque e a visibilidade da mesma. Como exemplo, nas figuras 8 e 9 temos a pixação inserida no contexto de Belo Horizonte:

Figura 8 e 9 - De São Paulo a Minas Gerais: Belo horizonte.



Fonte: Imagens retiradas da internet. 2019

Ao se tratar da expansão da pixação de São Paulo para outras regiões do Brasil, nota-se Belo Horizonte como um grande pólo em expansão do movimento em seus diversos aspectos territoriais e regionais. Entretanto, a pesquisa aqui busca trabalhar com sua ótica voltada para São Paulo em especificamente delimitado no objeto de estudo, porém a breve noção e indício da propagação do pixo é de suma importância dado a consistência do objeto de estudo.

2.3 Questões urbanas e sociais

"É os ordinários na pura disposição
Os mais sujeira do cenário é inveja da oposição
Então acorda nois vai subir sem corda
Onde falta educação as lata de tinta transborda
Três da madrugada minha fuga é a porta de entrada
Pra eu subir no sapatim e decorar sua sacada".
Afroking – Pixadores ordinários.

Neste capítulo iremos tratar diretamente das problemáticas enfrentadas na construção do espaço urbano, envolvendo noções de planejamento e correlacionando-os com os ativismos sociais. Para isso, nos baseamos ao estudo desenvolvido por Souza e Bruce (2004).

Também destacaremos as observações históricas e políticas realizadas direta ou indiretamente para com a pixação, revisando a autora Altamirano (2018) e Pereira (2005), para assim adentrarmos a um balanço mais complexo do espaço geográfico e as noções territoriais que envolvem as relações de poder.

Ao relacionarmos a questão urbana mediante seus conflitos e contradições, nos remetemos diretamente à geografia urbana e, consecutivamente, aos debates ligados ao planejamento. Para isso, apoiamo-nos em Souza e Bruce (2004), questionando o papel do Estado frente à dinâmica histórica do capitalismo, obtendo como condução principal o desdobramento do planejamento urbano proposto pelo Estado e seu conteúdo ideológico. Os autores demonstram que o conteúdo social e ideológico permeia interesses de grupos, pois o planejamento e a gestão tendem a ser conservadores – de sua ordem política e econômica vigente. Entretanto, surgem as mobilizações sociais e/ou ativismos.

Ao buscarmos uma compreensão de como se constituiu a metrópole paulistana, procuramos brevemente perpassar pelo contexto histórico e os principais projetos que estabeleceram uma identidade dominante e como se refletiu na formação da cidade. Sendo assim, a proposta é contextualizar o processo de construção da metrópole em suas diversas formas, ao esmiuçar a configuração desse espaço como um fértil terreno para o surgimento da pixação. Para isso, utilizaremos perspectivas históricas para situarmos de qual São Paulo estamos tratando, retomamos a partir do interesse de colocar a capital na posição do centro regional, meado da metade do Séc XIX adiante:

João Teodoro Xavier, presidente da província de 1872 a 1875, com intuito de transformar São Paulo em pólo de atração, principalmente voltado ao domicílio de grandes proprietários e investidores - os detentores do poder econômico – [...] realizou o primeiro ambicioso rol de obras urbanas no território paulistano, criando condições para a expansão urbana. (ALTAMIRANO, 2018, p.65)

Sintetizados, uma das primeiras ações urbanísticas da cidade, demonstram-se atrelados ao estímulo de uma classe dominante nacional, uma vez que:

As obras no governo João Teodoro, concentradas na atual região central, destinavam-se a reforçar o valor simbólico de determinados espaços, sob a perspectiva das classes dominantes, estimularem o mercado imobiliário e facilitar a acessibilidade aos bairros periféricos em formação [...] Esse programa de modernização urbanística iniciava também um movimento no sentido de estabelecer formas de controle social, objetivando a “ordem pública” e a “amenidade de costumes” por

meio das intervenções urbanas realizadas”. (ALTAMIRANO, 2018,p. 65-66)

Iniciando-se o período da República no Brasil e a intensa mudança na urbanização, nota-se o rápido crescimento populacional e territorial, advindo das imigrações. Pós esse período introdutório a Primeira República (1889-1930), o centro passa a demonstrar em seu território, valores estabelecidos pela elite dominante e a alta burguesia entre prédios comerciais e bairros destinados a moradias. Sendo válido referenciar figuras como Francisco de Paula Ramos de Azevedo e o urbanista Francês Joseph - Antoine Bouvard como expoentes de traços de uma São Paulo atual (ALTAMIRO, 2018).

Em contrapartida e contraditoriamente, em oposição ao cenário moderno e ostensivo das áreas centrais, surgem destinos para as moradias dos mais pobres, que passam a assumir a posição periférica. Logo, nesse período que sucedeu o desenvolvimento da cidade do café, a expansão urbana regulada pelas elites formou os bairros de operários nas zonas industriais que acompanhavam as vias férreas.

Segundo Altamirano (2018), já no final da década de 1920, foi consolidado o primeiro Código de Obras, baseado nos modelos de Chicago e Nova York, EUA. Esse código buscava um tipo de zoneamento, estabelecendo um padrão municipal para as construções particulares, e adentrando ao início da verticalização em São Paulo.

Figura 10 - A cidade edificada.



Fonte: @besidecolors, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BZ6qOoDgxZ0/>

Em paralelo, é importante mencionar essas condições que, historicamente, foram sendo impostas ao pensar e transformar a cidade, principalmente quando se trata de planejamento conservador e em especial a essa introdução ao zoneamento:

O zoneamento, teoricamente, é um instrumento que pode ajudar a organizar e planejar o desenvolvimento da cidade, assegurando conforto e bem-estar e a boa aplicação dos recursos públicos. Todavia, já sabemos que o zoneamento serviu, muitas vezes, para segregar. (SOUZA; BRUCE, 2004, p.72)

Amarrando as questões sobre planejamento, Estado e a sociedade capitalista em que a grande São Paulo está inserida, entende-se:

É por essa razão que o Estado, em uma sociedade capitalista, marcada por conflitos, contradições e desigualdades, tende a promover ações de planejamento e de gestão que, normalmente, facilitam a manutenção das desigualdades (por exemplo, a segregação residencial [...]) (SOUZA; BRUCE, 2004, p.28)

Retomando a breve passagem histórica, temos um marco interessante após a conclusão do Edifício Martinelli 1929, a autora demonstra o processo de verticalização em SP, incentivado pela elite:

[...] o início de um processo de verticalização da metrópole, figurativizando valores associados à noção de progresso, para além da modernização. Com a população pobre deslocada para fora da área central, a liberação e valorização das terras na região possibilita a verticalização e consolida um processo de especulação imobiliária, endossado pela influência política dos setores urbanos, especialmente a classe média, que, aliada a burguesia, aplicava seus lucros na construção de edifícios para aluguel (ALTAMIRANO, 2018, p. 78)

Nessa passagem, a autora demonstra que a tendência europeia na intervenção urbana, defendida pela elite cafeeira do começo do século, agora soma aos valores atrelados ao ideal norte-americano, marcada simbolicamente por automóveis e aos prédios, conhecidos como arranha-céu.

Ao se tratar dos prédios e da verticalização urbana, é notoriamente visível que, para os pixadores, os prédios são holofotes principais para o desenvolvimento da mesma. Nas figuras, podemos ilustrar didaticamente a disposição de suas ações territoriais. Daí, podemos resgatar um dos porquês da impregnação da pixação nos prédios, e até dos holofotes em que os prédios trazem consigo, como destaque, disposição e notoriedade entre os pixadores que realizam o fato consumado.

As razões explicativas para esse tipo de relação, fundamenta-se por meio da tendência dos projetos elitistas de desenvolvimento urbano histórico, que como uma “espécie de efeito colateral”, surge a impregnação estética conflituosa e invasiva que é a pixação. Logo, a intenção de resgatar historicamente os interesses e planejamentos que se circundaram na formação da cidade de São Paulo, buscamos evidenciar a pixação como uma resposta tardia daqueles processos urbanos do início do século.

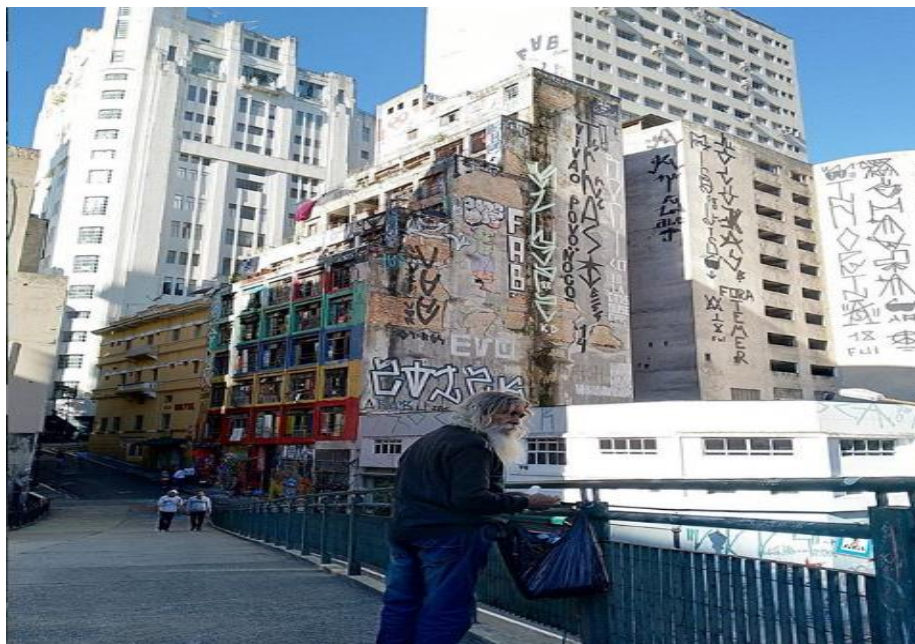
Neste rumo histórico, posteriormente, temos o período de Getúlio Vargas, a crise do café relacionada à quebra da bolsa de Nova Iorque, em que as manifestações e greves operárias geravam fortes instabilidades políticas.

Entretanto, é na intensificação desses processos que:

[...] iniciado já no limiar do século XIX, no qual se singulariza o contexto brasileiro de desigualdade social, conforme discorre em sua obra o pesquisador Jessé Souza (2006, 2009). Com a reeuropeização do país e o processo de modernização em grande escala, uma linha divisória passa a ser traçada entre os setores [...] Souza articula as teorias de Max Weber, Charles Taylor e Pierre Bourdieu para desenvolver o argumento de que o racionalismo ocidental cultivado na Europa e América do Norte tornou-se base para o desenvolvimento de um arcabouço valorativo e institucional que se expandiu para a periferia do sistema mundial enquanto “artefatos prontos” de suas instituições fundamentais: o mercado capitalista com seu arcabouço técnico e material e o Estado racional centralizado com seu monopólio de violência e poder disciplinador (SOUZA, 2006, p.25) e (ALTAMIRANO, 2018, p.80)

Com uma rápida contextualização, adentramos às perspectivas aqui inseridas na construção do espaço urbano através do crescimento contínuo da metrópole, industrialização, verticalização do centro e expansão periférica, atrelado ao período de Prestes Maia (1944-1938). Esse processo se configura interligado com a relação estética da modernidade, advento do transporte público e seus processos de modernização (ALTAMIRANO, 2018).

Figura 11 - A cidade edificada.



Fonte: @besidecolors, disponível em:

<https://www.instagram.com/p/BjGbEmGDgZd/>

Perpassando pelos seguintes processos, uma passagem que antecede a década de 80 e 90, estão atrelados ao período do regime militar. O regime autoritário fundou várias instituições voltadas para o planejamento e o tratamento de problemas urbanos. Em síntese, surgem políticas públicas como o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Sistema financeiro de habitação (SFH), os quais introduzem profundos debates. Para isso, utilizaremos brevemente noções já discutidas por Altamirano (2018).

Pós o período autoritário e desenvolvimentista, nota-se uma reestruturação global, convergindo com a redemocratização, passagens políticas e econômicas atreladas ao neoliberalismo e um importante debate da consolidação da metrópole frente à identidade hegemônica e o próprio surgimento de novas formas de organização política e ativismos sociais (ALTAMIRANO, 2018).

Nesse sentido, compreende-se que:

É nas décadas de 1980 e 1990 que ocorre uma transformação nos padrões residenciais, especialmente para as classes mais altas e as mais baixas. O crescimento da pobreza, combinado com a valorização dos terrenos nas periferias (conforme elucidamos anteriormente), tomando a autoconstrução menos acessível, fez aumentar significativamente o número de favelas e cortiços [...] Por outro lado, moradores ricos deixam as regiões centrais para habitar novas áreas da cidade, em regiões distantes – adotando os condomínios fechados. (ALTAMIRANO, 2018, p. 108)

Outra característica importante é o enfraquecimento do antigo planejamento urbano regulatório, que em meio a ascensão neoliberal, passam-se a ocorrer outras diretrizes no planejamento (SOUZA e BRUCE, 2004).

A partir disso, geograficamente, surgem propostas analíticas e desdobramentos frente às transformações dos conceitos até então estabelecidos, como no caso do debate centro e periferia. Assim, a autora traz questões de uma cidade fragmentada e em constantes transformações, atreladas ao espaço privado. Destaca-se:

São Paulo avança ao século XXI imersa em uma atmosfera de austeridade e hostilidade, que paira especialmente em seu espaço público e modela as práticas de vida e eleição das figuras presentes na vida da população rica e pobre. O habitante desta São Paulo se vê submetido a uma vida distanciada da ocorrência de fraturas em seu cotidiano, que, como elucida Greimas (2002) em sua obra *Da Imperfeição*, são os momentos de descontinuidade, da ruptura da isotopia na dimensão da cotidianidade, de ocorrência da apreensão estética, abertura para a possibilidade de construção de novos sentidos. Ou ainda, está anestesiado, desprovido de competência estética, alienado de seus próprios sentidos para exercer a busca por escapatórias no espaço público, ou seja, diferentes meios de introduzir fraturas para uma cuidadosa construção do sentido no dia a dia (ALTAMIRANO, 2018, p.126).

A experiência do final de 1980 é de uma cidade mais complexa do que a do padrão centro-periferia da década de 1970, devido uma série de mudanças globais, sociais e econômicas, das quais se configuram na reversão do crescimento demográfico, recessão econômica, desindustrialização e desenvolvimento da periferia, atrelada ao empobrecimento das camadas trabalhadoras, que resultou em barreiras físicas, e controle social. Logo:

A pixação começa a se mostrar na paisagem da metrópole já na última década do século passado e se alastra pelo enunciado do território urbano esvaziado de gente e de sujeitos abertos às suas interações. Pixadores e pixadoras reivindicam uma apropriação da cidade por parte da população que é maioria, mas que é também a mais vulnerável. (ALTAMIRANO, 2018, p.127)

É justamente nesse período que as propostas urbanas se baseavam na demanda de mercado, configurando-se como “mercadófilo”, apoiados na remodelação, revitalização e focado na valorização do espaço urbano, surgindo assim, condomínios, shoppings etc. Dessa forma:

O planejamento “mercadófilo” não enfatiza o controle do uso do solo por meio de leis e normas; sua preocupação é menos com o “ordenamento” do espaço urbano que com o aumento da competitividade econômica da cidade [...] (SOUZA; BRUCE, 2004, p.53).

Nessa conjuntura contraditória de ascensão e crise em seu paradigma, os autores Souza e Bruce (2004), desdobram reflexões importantes em relações aos ativismos e movimentos sociais, que, conceitualmente, apresentam semelhanças e disparidades. Logo, demonstra-se:

O ativismo é uma categoria, por conseguinte mais ampla, que envolve diversas formas de organização, mobilização e ação dos habitantes das cidades [...] Os ativismos e movimentos podem ser, além disso, de vários tipos, de acordo com o seu tema: especificamente urbanos (como o ativismo de bairros e favelas); frequentemente urbanos, mas não exclusivamente baseados em cidades (como o movimento ambientalista), e rurais (como o movimento dos trabalhadores sem-terra) (SOUZA; BRUCE, 2004, p.83).

Para elucidar melhor, atente-se:

Os movimentos sociais são um tipo especial de ativismo. Tenham surgido na evolução de um ativismo mais modesto e reivindicatório ou não, o fato é que eles representam um grau razoavelmente elevado (ou até bastante elevado) de organização e de contestação da ordem social vigente (capitalismo, racismo ou qualquer forma de opressão) (Souza; Bruce, 2004, p.84)

Teoricamente, essas particularidades representam um amarró para reflexão, atentando-se às questões estruturais e/ou apenas pautas reivindicatórias pontuais, ou seja, a intenção aqui não é encaixar a pixação em um ou em outro, até porque essa distinção na prática se torna complexa a cada ativismo e/ou movimento. A proposta aqui é estabelecer a pixação inserida em um contexto espacial de dominação e relações de poder estrutural. Para isso, Souza e Bruce (2004), destacam o Movimento de Trabalhadores sem-teto (MTST) e o hip hop, sendo que, nesta pesquisa, traçaremos um paralelo entre a pixação. Baseado neles e nas novas mobilizações e organizações populares, definiremos a principal perspectiva delimitada pelo autor:

Isso tudo faz do MTST um movimento que tem um horizonte amplo de luta. Não basta pedir moradias, é preciso lutar contra toda uma série de processos que reproduzem as desigualdades sociais nas cidades, pois, além da luta pela moradia, é preciso lutar também por infra-estrutura, por emprego, por saúde, por educação (SOUZA; BRUCE, 2004, p.98).

Já o hip hop, cultura de rua e do gueto, apresentado como uma cultura politizada que traz elementos da arte como a dança (break), esporte, grafite e o rap como a trilha sonora contestadora, destacam:

Assim como o break, o grafite – a arte gráfica do hip hop – também é uma forma de apropriação da cidade e a maneira pela qual o hip hop se mostra mais claramente e de modo mais duradouro para toda a população [...] Os muros cinzentos e sujos das cidades são cobertos por uma explosão de cores, personagens, linhas, traços, texturas e mensagens diferentes. O sujo e o monótono dão lugar ao colorido, à criatividade e ao... protesto) (SOUZA; BRUCE, 2004, p.104).

Na figura 12, podemos discurrir algumas informações importantes acerca das principais discussões aqui inseridas: 1) O caráter político da pixação; 2) Frente a essas questões conjunturais do aspecto político do movimento, a pixação é um movimento social?; e 3) O controle social nas cidades, relações de poder, dominação e insubordinação.

Figura 12 - Pixação: Ativismo ou movimento social? “A nossa luta unificou! é sem teto junto com os camelô e pixador!!!” – “A cidade é uma prisão”.



Fonte: @besidecolors, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BIYGAY4hBZZ/>

Esse balanço se faz necessário para demonstrar espécies de movimentos e ativismos contemporâneos, entretanto ao analisar o hip hop, entre algumas observações atente-se a uma simplória em detrimento do debate entre grafite e a pixação,

manifestações as quais apresentam núcleos e essências parecidas, porém destoa em outros aspectos aqui já discutidos. Observa-se:

Um dos fatores que levou à criminalização do grafite foi o fato de ele ser confundido com a simples pichação, que é uma atividade muito diferente do grafite e que pouco ou nada tem a ver com arte (SOUZA; BRUCE, 2004, p.107).

Nesse passo, o autor tem equívocos dois momentos: 1) em não compreender a proximidade dos movimentos, ligados a gênese periférica e relações entre as mesmas, que, dialeticamente, se influenciaram (uma vez que a gênese do grafite também se baseia na intervenção não autorizada); e 2) No desenvolvimento e transformação do grafite inserido pelo gosto das classes mais abastadas, saindo das ruas e ganhando espaço nas galerias “elitistas”.

Correlacionando-os, nota-se que apesar da autora se tratar da manifestação como identidade e memória, nos traz hipóteses relacionadas ao confronto direto e consciente, mediante esse cenário conservador dos poderes dominantes, indo de acordo com o estudo realizado por Souza e Bruce (2004), que por falta de cuidado, acabou reproduzindo o discurso dominante, caracterizando o grafite dentro da aceitação pública e a pichação simplificada ao um mero ativismo sem nexos.

[...] essa manifestação, a pichação, pode ser considerada um elemento de identidade e memória no e do espaço público de São Paulo no cenário contemporâneo, que é um cenário de crise de valores dos poderes dominantes (ALTAMIRANO, 2018, p.41-42).

E é neste sentido também, em que podemos estabelecer um elo a partir da diferenciação, aproximação e delimitação de grafite e pichação. A complexidade se dá, ora enquanto movimento, ora enquanto ativismo. Então, podemos propor adentrar a uma via híbrida, conquanto uma prática espacial contraditória, heterônoma e/ou insurgente (SOUZA, 2013).

Por fim, o balanço entre o planejamento urbano e a pichação vista como uma manifestação, identidade e memória se faz necessário, devido ao desenvolvimento da mesma, que se apresenta como um reflexo da contradição do desenvolvimento metropolitano e/ou urbano, desde a contestação até a afirmação do espaço público e/ou privado e suas relações ali estabelecidas.

2.4 Relações de poder, dominação e insubordinação

"No chão risquei, no alto escalei
De rolo ou spray eu deixei a marca
Mais um pra ficar na memória

O bonde segue foscando, incomodando o doutor Dória
 Querem cidade limpa e a rua cheia de buraco
 Onde a corda arrebenta sempre do lado mais fraco
 Pela saco ataca e taco tinta na parede
 Na cidade cinza onde é proibido pensar”.
 Pixadores 3 – Nocivo Shomons.

Frente ao contexto urbano e social aqui abordado, nota-se como um terreno fértil para o nascimento de um movimento como a pixação, que frente às situações de controle social e de dominação surgem como formas de insubordinação, adentrando em conflitos diretos com as relações de classe e o poder hegemônico (SCOTT, 2000).

Contextualizando o cenário metropolitano de controle social via tecnologias aplicadas, como câmeras, drones, seguranças, propriedades privadas, condomínios etc. É de suma importância o debate frente às questões da modernidade, contemporaneidade e problemáticas sociais do Séc. XXI. Para isso nos basearemos em Haesbaert (2014) para elencar alguns pontos interessantes a perspectiva aqui delimitada, para assim juntar os principais pontos das questões que a pixação se insere. Assim:

A seguir, pretendemos analisar a relação entre a leitura da sociedade contemporânea como “sociedade de segurança” (para outros também, numa linguagem Deleuze-foucaultiana, “sociedade de controle” ou “bio-política”) e as reconfigurações territoriais em jogo – o alegado papel do controle de processos sociais através do controle do território. Na verdade, ao acrescentarmos os prefixos in-segurança e des-controle, estamos problematizando a enorme ambigüidade desses termos e buscando relativizar sua aplicação ao contexto contemporâneo, especialmente no caso brasileiro e latino-americano (HAESBAERT, 2014, p.159).

Essa exposição do contexto atual vivido na metrópole contemporânea, acaba sendo diretamente atacada e confrontada com a ação dos pixadores, rompendo com os limites dessa dita “sociedade da segurança”. Como exemplo, podemos citar o próprio fato da invasão concreta e simbólica de uma propriedade, com intenções maliciosas.

Neste sentido:

Em uma perspectiva geográfica, uma das questões centrais, hoje, é a do convívio entre a rápida proliferação de novas e sofisticadas tecnologias informacionais de controle territorial e a retomada, também crescente, cercas, analisada nos capítulos 8 e 9), ambos acionados fundamentalmente em nome da segurança. Interessa-nos também, aí, o sentido que essa convivência paradoxal adquire na nova contextualização histórico-social que estamos vivenciando (HAESBAERT, 2014, p.159)

Aqui, podemos enfatizar certas problemáticas enfrentadas no contexto latino-americano frente às noções sociais e territoriais aqui estabelecidas. Trata-se de situações sociais que didaticamente se expressam nos programas televisivos como, Brasil Urgente e outros programas sensacionalistas que mostram diariamente casos violentos, e, consequentemente, fomentando a insegurança da população.

Ao retomar questões trabalhadas por Foucault, nota-se passos entre poder disciplinar:

Outra característica, é que, enquanto a disciplina se volta mais para a organização de espaços, digamos, unifuncionais – e, em última instância “individualizados”, a segurança irá trabalhar sobre a “regulamentação” biopolítica das populações ou das “massas” (mais até do que sobre “multidões”) em espaços multifuncionais, polivalentes [...] Apesar de o poder disciplinar estar centrado nas instituições e o biopoder na regulamentação do Estado, não se trata em hipótese alguma de uma oposição entre instituições e Estado. Isso porque, obviamente, como dirá Foucault, muitas instituições, como a polícia, são claramente aparelhos ao mesmo tempo disciplinares e de Estado, e muitas regulações globais [...] (HAESBAERT, 2014, p.166)

Nesse aspecto, as relações convergem à posição em que se encontram os pixadores, ligados ao setor informal de trabalhadores da cidade. Destacam-se notoriamente entre os motoboys, vendedores etc¹². Logo:

Vivemos o domínio do capital financeiro, especulativo, que se desloca do setor efetivamente produtivo, gerador de empregos, uma economia pautada em setores de alta tecnologia, poupadores de força de trabalho. o desmonte do “Estado-providencia” ou do bem-estar social (que também atuava como válvula de escape, impregnando em época de crise) e a superação do padrão de acumulação fordista, em nome da globalização neoliberal e seus processos de “flexibilização” e privatização pós-fordistas. Tudo isso agrega para criar uma massa de expropriados que passa a ser considerada um problema, às vezes por sua simples mobilidade física e/ou por sua reprodução biológica (a mera “ocupação de espaços” dessa massa ou “população” vista como perigo ou risco (HAESBAERT, 2014, p. 183)

Nesse contexto, dialogando com as concepções expostas do geógrafo Haesbaert (2014) é necessário introduzirmos também, aspectos antropológicos, para promover uma conexão entre o conjunto geográfico na análise do espaço urbano frente às simbologias produzidas pelos pixadores. Considera-se, então, que nas relações de poder há o estabelecimento de práticas atreladas às expressões, ora dominantes, ora dos dominados. A introdução dessas questões é elucidada nas figuras 12 e 13 ao indagarem que a cidade é uma prisão, sintetizam e expressam as noções contemporâneas das relações de poder e do controle social. Frente a esse cenário, até então elaborado, o viés a ser tomado é a

¹² Através das informações elucidadas, considera-se que a população jovem periférica exerce atividades informais, de forma que os pixadores estão inseridos neste contexto ocupando funções a cerca da informalidade nas questões trabalhistas, como motoboys etc. Consultar em: ALTAMIRANO, 2018, p. 140.

perspectiva não apenas da dominação, mas sim da ação territorial da insubordinação e suas respectivas questões.

Figura 13 - A cidade é uma prisa....



Fonte: @besidecolors, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjtRUiwnpDi/>

Ao se tratar da subordinação e dos diversos tipos de dominação (contenção, controle, detenção etc), percebem-se relações diretas com a classe social, pois as relações de poder entre a classe superior e inferior estão dotadas de direitos políticos, econômicos e sociais. Logo:

[...] Al demonstrarse que las estructuras de dominación operan de manera similar, también podrá percibirse cómo estas mismas hacen surgir, si el resto de las condiciones no cambia, reacciones y estrategias de resistencia así mismo comparables a grandes rasgos. De esa manera, los esclavos y los siervos – que normalmente no se atreven a rechazar de manera abierta las condiciones de su subordinación – muy probablemente crearán y defenderán, a escondidas, un espacio social en el cual se podrá expresar una disidencia marginal al discurso oficial de las relaciones de poder (SCOTT, 2000, p. 20)

Em convergência com a pixação, o propósito desta análise inicial é compreender os aspectos da prática como resistência frente os valores sociais dominantes, uma vez que:

[...] trato de darle sentido a um estúdio diferente del poder que descubre contracciones, tensiones y posibilidades inmanentes. Cada grupo subordinado produce, a partir de su sufrimiento, un discurso oculto que representa una crítica del poder a espaldas del dominador. (SCOTT, 2000, p. 21)

Nessa perspectiva, utilizando um exemplo didático devido à aproximação do questionamento aqui proposto, temos um paralelo interessante envolvendo a capoeira em sua gênese:

Larruscahim e Schweizer (2014) argumentam que a criminalização do pixo segue a lógica da criminalização de outras expressões da cultura popular brasileira como a capoeira, que no início do regime republicano era enquadrada como crime contra a pessoa e a propriedade, em um código penal que também tipificava a “vadiagem”, ou seja, criminalizava aqueles que não estavam inseridos no mercado de trabalho. No contexto da São Paulo européia, capoeira e vadiagem precisavam ser contidas através da lei penal, pois no recente estabelecido modo de produção capitalista representavam uma subversão do imperativo da máxima exploração da força de trabalho para a produção da mais-valia (ALTAMIRANO, 2018, p. 236)

Entretanto, a pixação inserida no espaço urbano em tal contexto até aqui elaborados, é necessário, uma gama de informações para conseguirmos interpretar e entender a conduta política dos grupos subordinados. Utilizando as propostas analíticas por Scott (2000) adentramos a análise dos discursos públicos e ocultos. Logo, em síntese o discurso público resulta em:

Em términos ideológicos, el discurso público va casi siempre, gracias a su tendencia acomodaticia, a ofrecer pruebas convincentes de La hegemonia de los valores dominantes, de La hegemonia Del discurso dominante. (SCOTT, 2000, p. 27)

Já o discurso oculto, caracteriza-se:

Si He llamado a la conducta del subordinado em presencia del dominador um discurso público, usaré el término *discurso oculto* para definir la conducta “fuera de escena”, más allá de la observación directa de los detentadores de poder. El discurso oculto es, pues, secundario em el sentido de que está constituido por las manifestaciones lingüísticas, gestuales y prácticas que confirman, contradicen o tergiversan lo que aparece em El discurso público. (SCOTT, 2000, p. 28)

O discurso público se apresenta como uma ação respeitável frente ao senso comum, preservando a ordem vigente. Já o discurso oculto, está dotado de particularidades e baseado numa outra vivência cotidiana, podendo ser analisada por meio das gírias, cantos populares de suas práticas etc. Também, é importante ressaltar que ambos os discursos são dotados de valores simbólicos, encarando determinadas manipulações e consequências.

Sendo assim, podemos demonstrar na prática situações relacionadas ao discurso público e o discurso oculto. Quando se trata de São Paulo, podemos recapitular ao caso do ex-prefeito João Dória Jr e atual Governador do Estado de São Paulo (2019), que foi

uma das últimas figuras públicas a travarem o combate à pixação através do programa Cidade Linda.

Ao longo da história da pixação tiveram vários momentos em que o discurso público procurou combater e criticar, como já demonstrado, pelos meios de comunicação e incentivos a políticas públicas ao combate da mesma. Nessa perspectiva, o discurso público se apresenta contra as ações exercidas pelos pixadores, taxados de marginais, vagabundos e delinquentes. Em contrapartida, o discurso oculto é a própria essência do movimento, apresentam conflito direto para com o poder dominante e hegemônico, como por exemplo, a invasão da Belas Artes, a Bienal e outras intervenções em outros países.

Em contextualização, destaca-se:

La práctica de la dominación y de la explotación produce normalmente los insultos y las ofensas a la dignidad humana que a su vez alimentan un discurso oculto de indignación. Una distinción fundamental que se debería establecer entre las formas de dominación reside tal vez en los tipos de humillaciones que produce, por rutina, el ejercicio del poder (SCOTT, 2000, p.31)

Essa interação no espaço, sujeita a reação e negação ideológica dos discursos, estão correlacionadas ao controle social e vigilância, diretamente ligadas e efetivadas na metrópole. Daí que Scott (2000) propõe formas elementares de disfarce, convergindo com o anonimato dos pixadores em sua relação com o espaço urbano:

No sorprende entonces encontrar que las “comunidades de destino” crean una subcultura distintiva y unificada, desarrollan “sus propios códigos, mitos, héroes y normas sociales. (SCOTT, 2000, p.50)

O autor evidencia o aspecto político atrelado as representações coletivas da cultura, através do “disfarce” falado, representado e suas possíveis inversões simbólicas. Sendo assim dialogadas:

Las expresiones culturales de las clases bajas han tenido, en general, una forma más oral que escrita. El tipo de aislamiento, control e incluso anonimato producido por las tradiciones orales, gracias simplemente a su medio de transmisión, las convierte en un vehículo ideal para la resistencia cultural. Necesitamos analizar, aunque sea brevemente, la estructura de las tradiciones orales para apreciar de qué manera La canción folklórica, el cuento popular, el chiste y las coplas al estilo Mother Goose han asumido un fuerte contenido subversivo (SCOTT, 2000, p.192)

Essas concepções aqui destacadas são intencionais, para discutirmos paralelamente com as ações territoriais e organizacionais dos pixadores. O antropólogo político James Scott, evidencia bem o caráter classista e suas formas elementares de resistência. Podemos afirmar com firmeza, que o discurso oculto produzido pelos jovens

“marginalizados” é rico para aprofundar análises e embasamento frente a dominação hegemônica.

Em síntese, demonstramos o contexto contemporâneo da sociedade, atrelados a tecnologia, segurança, individualidade e controle social (poder) e, em paralelo, construímos uma concepção antropológica para interpretar as características do objeto de estudo. No geral, a pixação se apresentou nitidamente nos aspectos demonstrado teórica e praticamente, pois, por si só, apresentou-se clandestina; com um discurso oculto e que possui anonimato. Outros “padrões” também acabam sendo “rompidos”, uma vez que a invasão, a agressividade, a estética e a disposição dos sujeitos atuam mesmo existindo o controle social, através das câmeras, seguranças, militares etc.

2.5 Territórios alternativos e territórios em resistência

"Oh lá, a invasão na avenida
Brincando com a morte, escrevendo o ódio da vida
Escrita suicida ferida foi revelada
E a lama de Mariana pros porco, não pega nada
Os ninja da escalada, só quem vive pra sentir
Adrenalina no sangue minha gangue vai invadir
Eles tenta oprimir, dizendo o que é correto
Nesse mundo errado um monte paga de certo
Selva de concreto, vou deixar minha marca
Luz no fim do túnel é o farol da barca
Armado de tinta, atento pra não mosca
Tantos dois só da vinte, de jet nós vai fosca
Mídia tenta ofusca, arte de rabisca
Morre um nasce um monte sem medo de arriscar".

Pixadores 2 – Nocivo Shomon

Mediante a linha de raciocínio traçada até então, vimos à necessidade de ampliar a definição conceitual aqui estabelecida. Para isso utilizaremos como referencial fundamental as discussões propostas por Haesbaert (2006) e Zibech (2015), entre outros. Para concluir o embasamento teórico, será exposto as noções territoriais empiricamente aqui introduzidas e discutidas. O balanço argumentativo ao longo da pesquisa propõe engajar a pixação numa análise conceitual ampla e complexa da realidade das grandes cidades latino americanas.

Devido às questões impostas por meio da ordenação do espaço geográfico e do território, surgem exigências teóricas capazes de responderem a dinâmica múltipla e fragmentária do espaço social, caracterizando debates referentes ao espaço e suas múltiplas dimensões (HAESBAERT, 2006).

Em correlação direta a questão do espaço metropolitano, nota-se pontos fundamentais para amarrarmos, como princípio desta pesquisa, entre a tríade – metrópole – pixação – território. Essa complexa abordagem, revela múltiplas conexões e possibilidades. Logo, demonstra-se:

O espaço metropolitano é extremamente enfático na medida em que revela as múltiplas conexões dos sentidos atribuídos à espacialidade e incorpora sinteticamente a mudança e a permanência, o caos e a ordem, sem os justapor, congregando-os em uma dinâmica comum que constitui, em certo sentido, a própria natureza dos processos de metropolização. (HAESBAERT, 2006, p.88)

Em síntese, essa complexidade multiterritorial na metrópole paulistana também carrega potencialidade de sua capacidade criativa, cultural e dinâmica como o espaço urbano. Essa pluralidade, diversidade e influências globais também estão relacionados com o desenvolvimento político, estético e territorial do movimento.

Figura 14 - O risco



Fonte: @besidecolors, disponível em: <https://www.instagram.com/p/BVOA6s-AnbF/>

A figura abaixo tem o intuito de trazer reflexões sobre esse dinamismo e complexidade. “Tribos”, “Perigo”, “Zero”, “Surdos”, “Fúria” e “Gatilhos” entre outras griffs, estão expostas nas janelas de cima a baixo, mesmo que de difícil leitura e codificação ao senso comum, é válido, em uma sutileza na análise, perceber a representação e as possíveis interpretações, na metrópole em que há diversos anúncios de marcas, lojas etc. Em que o marketing, a publicidade e os meios de comunicação se propagam e se expandem, também ocorre formas de comunicação, de cultura, de estilo e de tendências paralelas.

Logo, para além da abordagem da organização econômica – divisão territorial do trabalho – é preciso reconhecer funções políticas, disciplinares e também simbólicas. Essas problemáticas ligadas ao território e ao espaço social/geográfico sugerem sensores, a partir do conjunto das múltiplas formas de construção/apropriação (concreta e/ou simbólica) de interação e de elementos como o poder. Em síntese, Haesbaert propõe:

Trata-se, no conjunto, de compreender e analisar um espaço-território que é sempre, e ao mesmo tempo, espaço concreto, dominado, instrumento de controle e exploração, e espaço diferentemente apropriado (concreta e simbolicamente, utilizando a distinção lefebvriana entre dominação e apropriação), através do qual se produzem símbolos, identidades, enfim, uma multiplicidade de significados que operam em conjunto com funções estratégicas, variando conforme o contexto em que são construídos. Este espaço geográfico que participa ou compõe, direta ou indiretamente, nossas relações cotidianas, com seus muros, fronteiras, suas infovias, suas imagens, seus fluxos, suas “rugosidades”, este é o grande universo em que, aqui e ali, tímida ou mais incisivamente, procuramos desenhar nossos “territórios alternativos” (HAESBAERT, 2006, p.10-11)

Neste sentido, perpassamos por debates atuais entrelaçados ao território (territorialidade, territorialização e à multiterritorialidade). Principalmente devido a complexidade do espaço metropolitano contemporâneo, que se compreendem por múltiplas intensidades entre conflitos e transformações, entre resistências e ambiguidades, e também sobre desordem e organização, alocadas em diversas escalas e devidos contextos espaciais (HAESBAERT, 2006).

A importância de compreender os aspectos territoriais da pixação, é principalmente, notar os seus aspectos simbólicos frente a situação política-econômica dominante. Por isso, a amplitude e horizontalidade do conceito de território aqui tornam de suma relevância, pois, reafirmamos a realidade concreta da sociedade contemporânea através dos ditos “territórios alternativos”. Logo:

Essa configuração de “contra-espços” dentro das ordens sociais majoritárias precisa ser analisada, seja na mescla mínima das relações cotidianas, seja em escalas mais amplas, pois é neste jogo de contraposições que pode ser divisado e incentivado um novo arranjo

espacial, capitaneado por uma base democrática que permita o confronto de identidades, com o florescimento permanente de uma diversidade libertadora (HAESBAERT, 2006, p.15).

Ao se tratar da identidade metropolitana e as próprias marcas da modernidade – em total acordo com as noções aqui estabelecidas, traremos o questionamento:

Todo grupo se define essencialmente pelas ligações que estabelece no tempo, tecendo seus laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem os marcos que orientam suas práticas sociais. Para nós, o fundamental é discutir a variabilidade e a conjunção desta dinâmica identitária espacial no contexto da modernidade. Assim, se os diferentes grupos (e/ou classes) sociais que formam o tecido da metrópole necessitam de um território como base de afirmação, como isto acontece nesta realidade de permanente mudança? (HAESBAERT, 2006, p.93)

Esse questionamento nos traz o espaço metropolitano como um complexo território, em que se mesclam diversas identidades, logo multiapropriado, que ao correlacionarmos a pixação germinada na metrópole paulista, conflue-se:

Nas metrópoles do Terceiro Mundo, com toda sua especificidade e seu jogo ainda mais complexo de opressão e liberdade, onde os “olhos” são mais numerosos e contraditórios, é possível perceber que o espaço gerado no urbanismo do século XIX, dos bulevares, jardins públicos etc., foi completamente transfigurado [...] (HAESBAERT, 2006, p.97)

Logo:

A metrópole é, nesse sentido, o lócus das disputas territoriais das distintas “tribos” (MAFFESOLI, 1987) que a compõem. Essa variabilidade espacial e temporal de usos, a ambigüidade daí decorrente são o motivo maior do fracasso dos planos urbanísticos e das grandes cirurgias “organizativas” (HAESBAERT, 2006, p.98)

Em arremate a cronologia de ideias aqui expostas, as noções de territórios alternativos demonstram a relação mútua do conceito em seu estrito zonal, através do território simbólico, de resistência e subversivo que aqui foi caracterizado a pixação. Nesse sentido, referente a cartografia urbana, nota-se:

A cartografia da metrópole moderna é, portanto, muito mais rica e controversa do que nossos genéricos modelos podem supor. Além da grande diferenciação no tecido urbano, que cria espaços singulares, e da distribuição desigual dos equipamentos e serviços, e para além desta configuração física, há uma complexa rede de relações entre grupos que traçam laços de identidade com o espaço que ocupam, criam formas de apropriação e lutam pela ocupação e garantia de seus territórios. (HAESBAERT, 2006, p.93)

Sintetizando:

Podemos, então, sintetizar, afirmando que o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados [...] Como no mundo contemporâneo

vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios. Ora somos requisitados a nos posicionar perante uma determinada territorialidade, ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e de identidade. (HAESBAERT, 2006, p.121)

Ao se tratar do mundo contemporâneo, o autor adentra a uma dialética territorial, marcada pela des-re-territorialização em que há diversas escalas, segundo a dimensão espacial – econômica, política, cultural ou natural – ocorrem múltiplas interações entre territórios e redes. Neste contexto, Zibech indaga:

[...] As periferias são analisadas pelas dinâmicas das territorializações dominantes, enquanto que as territorializações resistentes aparecem – se é que aparecem – em segundo plano. Este olhar restrito acaba transformando a multiterritorialidade de relações ao nível da prática, da vida vivida, em uma unidimensionalidade redutora ao nível da análise. Isso é ainda mais grave porque as análises com este olhar informam práticas sociais dominantes, nutrindo as propostas de planejamento e gestão da cidade, o que gera conflito permanente entre a imposição de uma violência redutora, simbólica, discursiva e, em última instância, física, destruidora da vida, vinda dos de cima, e a multiplicidade de propostas e caminhos vigentes entre os de baixo, sua persistência em cuidar da vida a despeito de tudo. (ZIBECH, 2015, p.12)

Nesses quesitos, é de suma importância o fechamento do embasamento teórico através das questões empíricas, elaboradas a partir da vivência e coleta de documentários, pesquisas, filmes e notícias. Ao propormos uma visão alternativa, vale-se destacar também

3. QUESTÕES EMPIRICAS

Para introduzirmos as questões empíricas utilizaremos dois materiais para fundamentar a teoria aqui trabalhada. O primeiro, será um manifesto publicado por Cripta Djan em seu site, contextualizando e discutindo as direções e as perspectivas aqui estabelecidas. Já no segundo, trabalharemos uma espécie de questionário/entrevista com alguns pixadores, com a intenção de um possível salto qualitativo de todo referencial teórico já trabalhado, tratando das questões territoriais, sociais e antropológicas.

A principal intenção é demonstrar de forma prática e direta a convergência entre o que os pixadores tem a dizer, para registrar e consolidar as noções conceituais de análise, do objeto de estudo e dos objetivos deste trabalho. Também é necessário expor que essas questões empíricas são pontuais, intencionais e específicas, pois traduzem o

objetivo desta monografia, visto que, paralelamente ao longo dos anos ocorreu um vasto estudo e coleta de informações sobre a pixação, através de uma série de trabalhos de campo, participações em eventos, inúmeros diálogos e também visitas técnicas.

Em adendo, ao propormos uma ótica voltada para à pixação e todo o seu caráter resistente, alternativo, subversivo etc. Procuramos evidenciar uma visão não institucional, mas sim de “dentro” da movimentação para “fora” e é de suma importância, relatarmos também, a complexidade contraditória não homogênea da pixação. Adiante, adentrando ao primeiro ponto, temos:

Manifesto - O pixo nosso de cada dia.

“A pixação, normalmente escrita com X, por nós, pixadores, não é apenas uma grafia estilizada de palavras nos espaços públicos da cidade, trata-se de um desenvolvimento expressivo realizado em sua maior parte por jovens das periferias, e funciona como a voz dos sem voz, o grito mudo dos invisíveis, brado pintado, corre existencial, identidade, assim por diante. Na pixação não há um consenso, muito menos liderança única. Na realidade, são vários bandos, uma vasta vida louca solta pela cidade.

Quem pixa defende com unhas, dentes e tinta preta a prática e filosofia da pixação. O feitiço da pixação arrebatou o sujeito pixador, pede dedicação desmesurada e risco de morte. Na pixação o que realmente importa é a dinâmica de criação dos riscos, não basta só pixar, temos que produzir excitação e adrenalina, transgredir para progredir, radicalizar, chocar. Exercer nossa liberdade de expressão, já que vivemos numa falsa democracia. O novo meio urbano reforça e valoriza desigualdade e separações e é, portanto, um espaço público não-democrático e não moderno. Processos de discriminação se combinam ao medo, criando novas formas de segregação, dentre as quais a construção de muros é a mais emblemática.

O que para uns é vandalismo, pra nós é (re)apropriação, o pixador é o artista urbano que vê a cidade como suporte. Estamos nos (re)apropriando de uma cidade que foi negada a nós. O pixo é a retomada da cidade por parte dos excluídos. Cada parede pixada é sinônimo de insatisfação social, se agrada ou desagrade já é outra questão, o importante mesmo é que incomode. A pixação pede mais do que passagem, pede permanência, como pedra lascada e não polida. Como um conceito, e não inconsequência pede solidez e clama por respeito, e se assim não for o pixo vai pegar.

Nesse exato momento muitos pixadores estão nascendo, sina traçada, ainda sem saber se gente ou urbanoide. É circunstancial e sintomático por referência cultural, por

contingência social, por razões antropológicas. Somos a tribo dos escribas underground, predominantes e crescentes na bolsa amniótica das periferias.

Para quem ainda não sabe anuncio aqui: Não há futuro, o pixo é a ausência do futuro, a enfermidade da vida, praga moderna, peste aerosol, câncer cancro cítrico. Vale o que está escrito nas paredes, e nós não pretendemos parar”.

Cripta Djan – Os + Fortes (SP) Brasil 2013.

Esta carta, disponível no site do notório pixador Cripta Djan tem uma grande importância para elucidarmos todo o contexto trabalhado, perpassando pelas questões territoriais frente às relações de poder na modernidade e no meio urbano do Séc. XXI. Além de ser desenvolvido a partir de um trabalho sério do próprio pixador, em referência há um movimento amplo, complexo e em expansão.

No texto são expostas diretamente noções de classe, de insubordinação e de revolta para com uma estrutura concreta opressiva, ou seja, é uma expressão dos jovens da periferia, uma forma de comunicação do gueto, dos “sem vozes” e dos sem poderes de decisões perante a sociedade. Apresenta-se, então, como uma forma subjetiva e de identidade frente a falsa democracia estabelecida política e socialmente.

A complexidade de se entender essa dinâmica, talvez se expresse na radicalização, na adrenalina, no risco e na memória. Numa espécie de guerra onde os sujeitos pixadores correm risco da morte, ou seja, tal intensidade do ato e da disposição de insubordinação pode custar a vida do sujeito, e isso, é muito profundo.

Toda essa crise de insegurança, discriminação e segregação expressada nos muros, acabam expondo fragilidades de um processo histórico de desigualdade e de espaços públicos não-democráticos, demonstrando instabilidade territorial frente às territorialidades que ali se fundem e disputam entre si.

A agressividade da mesma se dá de diversas formas, pela prática ousada, pelo rompimento da cultura do contentamento, pelos sujeitos dispostos a romper com as formas de dominação, vinda de cima para baixo. Todas essas questões dialogam diretamente com as questões aqui discutidas sobre planejamento urbano, dominação, resistência e também as questões complexas da concepção de território. Elencado com as entrevistas realizadas temos a proposta de validar perspectivas individuais de pixadores, para assim explanarmos e finalizarmos a complexidade da mesma.

O paralelo traçado no roteiro das perguntas busca exemplificar em síntese, em prol de um fácil entendimento, acadêmico e/ou popular. Nesse ponto, o roteiro das perguntas perpassa pelas questões relacionadas ao território a partir de uma concepção

popular. Em seguida, busca-se a compreensão das principais características das práticas dos pixadores procurando demonstrar seu caráter ideológico e político frente as relações de força e de dominação, para assim, demonstrarmos o peso da responsabilidade que o movimento obteve através de sua expansão e fortificação em escala mundial.

O sentido do território aqui perguntado nos auxiliam através de simples concepções evidenciadas, ajudando a compreender as respectivas noções discutidas anteriormente. Para o pixador “FATOR kin” considera-se disputa territorial sim, respectivamente: “No sentido de deixar o nome lá mesmo, eu to aqui, eu to vivo” (MALACHIAS, Éric. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Para o “PIXAIN royal”, compreende-se que:

Em relação ao território é assim, você geralmente é conhecido pelo o que você faz. As vezes a pessoa nem te conhece, mas sabe do seu role entendeu, sabe sua marca, sua caminhada no pixo. Porque quem gosta e observa, lembra dos roles, das quebradas etc. (MACIELO, Bruno Garcia. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Para o ex pixador “RAPA samoth”, que por razões acidentais em prol do pixo não atua mais, porém ainda admira e tem muito a contribuir. Temos:

Total, ele acaba sendo isso. Quando eu comecei até foi isso, eu queria que entendessem que o bairro era “meu”, eu fiz rua por rua, até chegar no centro, eu via a rota do busão e fazia para que as que pessoas passassem ali e vissem que eu residia por ali. Da mesma forma que você sobe o prédio e voce que rua esteja lá em cima para ser superior, você quer estar acima, visibilidade (COSTA, Thomas Marcel. Em entrevista concebida para o autor em 2020).

Nesse sentido, o “TRAGO zore” nos traz uma outra contribuição: “Sim, a gente faz na quebrada de outros mano, e outros cara faz na nossa quebrada. Isso é dahora. [...] Entre nós pixadores nem tanto, mas existe também uma certa disputa” (FIGUEIREDO, Thiago Souza. Em entrevista concebida para o autor em 2020).

Nas perspectivas territoriais aqui demonstradas, nota-se a importância das marcas impressas nas paredes, no sentido da visibilidade, da quantidade de áreas pixadas e locais “explorados”, de serem vistos, lembrados e conhecidos dentre os pixadores.

Neste amarró, desdobra-se questões pertinentes a ampliação da noção territorial aqui exemplificada, partindo para outras perguntas, relacionando-as ao caráter ideológico e político da cena, indo de encontro com as noções conceituais definidas teoricamente.

Logo, nesse sentido, as próximas perguntas procuram ir ao seio do debate evidenciando o sentido ideológico do movimento, fazendo com que seus desdobramentos atinjam a própria noção conceitual do território. Essas perguntas, estão no sentido de o

movimento também ser uma forma de protesto, de insubordinação, de “contra-ataque” e em prol do povo pobre, preto e marginalizado.

Para o pixador “FATOR kin” compreende-se que:

Isso, ninguém manda em mim. Isso, contra a propriedade privada. [...] Antes até era mais, agora as vezes, tá até meio moda. Antes tinha um porquê. Já fui em festa na casa do “Ileais riber”, que ele fazia festas no fim do ano da pixação, e que os próprios pixadores levavam brinquedos, cestas básicas etc tudo para distribuição lá da quebrada dele. No próprio convite já vinha a informação para levar brinquedos. O mano é daora, representa. (MALACHIAS, Éric. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Nesse sentido, para o “PIXAIN royal”, considera-se que:

Certo, contra as leis, contra a dominação da elite e da política, por que não tem retorno, muito ganancia dos maiores aí, eles não olham para a periferia, isso daí é tipo um protesto da periferia. [...] Sim, em prol do povo e da liberdade de expressão. Ela não chega ser uma violência, é uma forma de expressão. (MACIELO, Bruno Garcia. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Já para o “RAPA samoth”:

Também, com certeza a busca desse ibope, dessa fama não é à toa né, é uma forma de você estar, é uma forma de você mostrar que você existe, você impacta, você está num lugar que ninguém nem ia deixar você passar a catraca né, nem na portaria, mas você tá lá em cima e eles nem te viram, eles subestimaram tanto você, que você passou por tudo isso, fez um pixo e foi embora. Daí eles ficam perguntando porque, querendo a justificativa que são vândalos, mas tipo, obvio que isso é vandalismo. Eles são tão cultos, que não tem a perspectiva de entender aquilo, de como é difícil fazer isso né porque o cara trabalha o dia inteiro, tem família e aí ele fica ausente da família e o sagrado, para comprar tinta para denegrir um patrimônio privado. Tem muito amor pela parada. (COSTA, Thomas Marcel. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Nesse ponto, o “RAPA samoth”, traz uma perspectiva tão rica e autoexplicativa, que aqui enfatizamos a passagem, para posteriormente discutirmos essa concepção expressada. Para finalizarmos este item, expomos a última entrevista, do “TRAGO zore” sendo direto e afirmativo: “Sim, totalmente. Contra o sistema. A gente age na madrugada, tá no sangue, quem tá na rua sabe” (FIGUEIREDO, Thiago Souza. Em entrevista concebida para o autor em 2020).

Essas passagens são muito importantes para demonstrarmos o caráter do movimento, pois, a crítica e o sentido de “revolta popular” no movimento vem da própria pixação, e por si só expõe isso, também não foi o expoente pixador Cripta Djan que criou isso, mas sim algo que é coletivo, em sua essência de surgimento, desenvolvimento e expansão.

Esse caráter “insurgente”, “subversivo”, “ofensivo”, “insubordinado” expresso desde o início do trabalho referente ao pixo, agora aqui, buscamos evidenciar-los. É apresentado como algo óbvio e direto por quem faz, porém, para quem não compreende, está aqui expressada. Para isso, o “RAPA samoth”, brilhantemente demonstra com um português incisivo o quanto é complexo o simples ato de pixar. O simples ato da invasão, o simples ato de romper uma lógica estrutural opressora, racista e classista.

Que é vandalismo, isso é óbvio e para quem é letrado, muitas vezes poliglota, doutor, discute uma série de conhecimentos no campo da arte, da ciência, viaja o mundo, é bem informado etc. não percebe a contestação cultural, filosófica e política em sua gênese e nem é para entenderem isso, demonstrando de fato a concepção classista e em prol do povo, tornando incompreensível para toda uma elite e seu pensamento.

Dessa forma, colocaremos em debate e exibiremos de forma sucinta a dimensão, expansão e propagação da pixação paulistana pelo mundo. Nesse sentido, citamos alguns casos de articulações ao longo do texto anteriormente entre alguns documentários, palestras, exposições e até o risco presente em outras cidades, estados e países. A intenção é ter a noção e introduzir um possível aprofundamento sobre, para levantarmos essas questões a fim de iniciar algo que pode e deve ser melhor elaborado em outro projeto.

Para isso, visto essa expansão através das redes sociais, traremos aqui, expressa pelos próprios agentes da cena do pixo. A última pergunta das entrevistas se refere a expansão da caligrafia urbana surgida em São Paulo para a escala global. Logo, para o “FATOR kin”, essa expansão existe, e complementa:

Orra, vários caras daqui do Brasil já foram pixar até em exposições lá fora. Não tenho certeza, mais o mano Telas, um mano do “Nada.?.Somos” foram tudo pra Alemanha pixar. Sem contar o pixo presente no interior de São Paulo, em Curitiba, Belo Horizonte e um monte de lugar. Pelo que eu conheço, tem uns lugares como Rio de Janeiro, Ceará que é diferente. O pessoal chama de xarpi, tem uns traços diferentes. Mas a modalidade de São Paulo expandiu bastante (MALACHIAS, Éric. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

“PIXAIN royal” acrescenta:

Sim, ela vem muito das letras dos discos de rock, começou na década de 80, e em 90 deu vários passos e depois dos anos 2000, muitas festas, muitos pixadores foram surgindo e se expandindo para Curitiba, Bahia, Nordeste, que depois da globalização da internet, orkut, facebook, começou uma expansão forte pelas fotos, pelo estilo e foi aí até outros países. (MACIELO, Bruno Garcia. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Para “RAPA samoth”:

Sim, ela se expandiu de uma forma que nem os pixadores imaginavam. Devido a tecnologia, comecei perceber isso em 2005/2006 [...] E aí depois de um tempo acontece essa repercussão de invasão de picos privados, gravações de DVD vai levando para o outro patamar.[...] Isso vem principalmente pela estética, essa evolução que vende para fora, eu estive em Berlim e aí lá eu percebi que estava sendo expandido isso, porque eu vi um artista que fez uma lateral com letra de pixo, quando cheguei mais perto vi que estava desenhado, então tipo, estava tentando chegar na estética do pixo. E aí anos depois “Os Cururu” vai parar lá, e o gringo foi atrás dele. O cara fez um rolê junto com ele porque ele queria entender o que estava acontecendo, assim que você vê, que está num nível Mundial, e os caras estão tentando entender como que é, porque é algo daqui, porque é criado geneticamente aqui. Os caras tem vindo muito para cá, para entender o que tá acontecendo, e como funciona. Isso é um impacto positivo, por mais que seja vandalismo e não vai deixar de ser, mas pensar isso esteticamente é muito louco, você analisar os lugares que ele fez e como ele fez, já está impactando, e tá fazendo as pessoas enxergarem, criticarem etc. isso é arte. Pensar ô porque, quando fez, isso feio, isso é bonito ou vice-versa então você está fazendo arte para mim. Isso foi impactante porque já se tornou global, e em outros estados já estão acompanhando. Hoje está complexo, você vê no Japão, na França, Berlim, lá em Portugal. E já logo associam que é forma de fazer de brasileiros. (COSTA, Thomas Marcel. Em entrevista concebida para o autor em 2020)

Por fim, “TRAGO zore” expõe: “Sim, tenho vários parsas que levou pro Japão, Áustralia, o Zé do “Lixomania” levou pros Estados Unidos, o “Kop” levou pro Peru. E várias outras cenas, no interior de SP nem se fala, em outros Estados do Brasil também” (FIGUEIREDO, Thiago Souza. Em entrevista concebida para o autor em 2020).

Como podemos analisar, a pixação surgida em São Paulo tem referências e influência em escala global. Está presente em outros países de diversas formas, exemplificadas pelos próprios pixadores. O seu peso estético traz muitos questionamentos e avança de diversas formas no campo da arte, da ciência social etc. Esse intercâmbio ocorre em diversos setores e a articulação de possibilidades amplia-se internacionalmente falando.

Alguns exemplos dessas conexões são: 1) pixadores nativos de SP viajam para outros lugares e pixam; 2) pessoas de outros lugares conhecem os riscos surgidos em SP, se interessam e começam a fazer (pela rede, viajando etc); 3) pixadores de SP articulam e influenciam diretamente o interior de SP, Paraná, Minas Gerais e outros lugares.

É válido que depois de alguns documentários, inúmeras fotos, vídeos, filmes, músicas, marcos como o da Belas Artes, Ibirapuera e articulações estrangeiras, muitas

possibilidades surgiram. Isso demonstra o quanto é palpável e possui, um corpo. Metaforicamente expondo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

“Justiça pros Lacerda,
É ditadura pros Pereira
Justiça pra pilantra,
É ditadura pra Pereira! [...]

Se sua igreja tá pixada,
Quantos terreiros demoliram,
Ao simples troco de nada!
Crime ambiental,
Hahahahaha...”
DV TRIBO – HINO

Nas considerações finais buscamos demonstrar o percurso, alguns pontos positivos, algumas dificuldades encontradas e também indiciar extensões desta pesquisa, buscando possíveis reflexões. No intuito de demonstração, destacamos a importância que emana da presença do pixo na cidade, impressa através de representação, comunicação e de contestação, ao compreender a metrópole paulistana como um pólo cultural complexo e de tremenda desigualdade socioterritorial, reconhecer e discutir o circuito da pixação e seu conjunto de informações elencados com a Geografia exige dedicação.

Os pontos positivos convergem aos pontos teóricos, em que buscamos estabelecer ligações coesas a partir da abordagem territorial, as quais constam na forma dos conceitos e categorias estudadas e seus respectivos autores. Para sintetizar, consideramos que o espaço quando territorializado mantém uma relação muito forte com os indivíduos e sua compreensão da realidade. O cotidiano, as práticas espaciais, as relações de poder e a dinâmica da metrópole paulistana apresentam inúmeras contradições a serem exploradas.

Sendo assim, buscamos apresentar a pixação como um fenômeno urbano e social (SOUZA E BRUCE, 2004), buscando um caráter expresso pelos próprios pixadores, através de seus materiais, registros e percepção do mesmo (PEREIRA; ALTAMITANO; DJAN IVSON, 2005-2018). Após a contextualização sobre o objeto de estudo, estabelecemos as principais questões desdobradas, indo de encontro com discussões

acerca das noções antropológicas sobre as relações de poder, dominação e insubordinação da populacional e antropológica (SCOTT, 2000). Para assim elucidar teoricamente o conceito de território aqui trabalhado, pelo viés da concepção de territórios em resistência e territórios alternativos (HAESBAERT, 2014).

Também consideramos como ponto positivo o percurso teórico para o salto qualitativo a partir das entrevistas, sejam realizadas nesta pesquisa ou das quais foram analisadas através dos documentários sobre e dos pichadores, que, apesar da dificuldade em aproximar a análise teórica da realidade das ruas de São Paulo com os conceitos abordados, se mostraram relacionáveis e coerentes.

Tendo em vista uma curta e intensa história de desenvolvimento da pixação aqui abordada, é notável sua expansão, aperfeiçoando e se desenvolvendo rapidamente em vários aspectos, sejam ao se expandir para outras cidades, estados e países além da metrópole paulistana, mas também, desenvolvendo-se as suas técnicas e sua própria estética etc. Fazendo com que surjam novas possibilidades, ocupação de outros lugares, outras escalas e proposições.

Na combinação da análise das relações entre o pixo, o território e dos sujeitos, procuramos identificar perspectivas geográficas frente a metrópole, o planejamento urbano e o contexto social concebido, para assim, buscar uma efetivação de “territórios alternativos” (HAESBAERT, 2014).

Para terminar gostaríamos de expressar a consciência de uma trajetória de análise específica, e que ainda contém inúmeras possibilidades de interpretações sobre o tema. Além disso, enfatizamos que esta pesquisa não procurou apresentar resultados quantitativos e pontuais, mas sim de reconhecer algumas características gerais do movimento da pixação, demonstrando diferentes formas de uso, ocupação e apropriação do espaço urbano.

As questões empíricas buscam balancear toda a teoria trabalhada com a posição dos próprios pichadores. Dos que constroem o movimento dia a dia, há anos. Para isso, elaboramos um roteiro de entrevistas sintetizando hipóteses levantadas ao longo da pesquisa.

Foram eles relacionados a disputa territorial, caráter ideológico e, por fim, sobre sua expansão global. Essas questões têm intenções de um possível respaldo qualitativo, podendo assim, serem expandidas.

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, Micaela. **A pixação na paisagem de São Paulo**: o risco como construção do sentido da vida urbana. Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica. PUC. 2018.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: A aventura da modernidade / Marshall Berman; tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRAGA, Nilson Cesar. **Territórios e fronteiras** – (re)arranjos e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2011.
- GABRIEL, G. G. **Espaço e o cotidiano dos jovens escolares no processo ensino aprendizagem em Geografia, uma experiência no PIBID – Ourinhos-SP**. Ourinhos, 2015.
- GRAHAM, Gibbs. **Análise de dados qualitativos**. Tradução Roberto Cataldo Costa – Obra originalmente publicada sob título Analyzing Qualitative Data ISBN 978-0-07619-4980-0. Porto Alegre: Editora Artmed S.A. 2009.
- HAESBAERT, R. 2014. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. **Territórios alternativos**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- PEREIRA, A. B. **De role pela cidade: os pixadores da cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado em Antropologia. São Paulo: FFLCH-USP. 2005.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. 2.ed., 1.reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SCOTT, J. **Los dominados y el arte de resistencia**. México: Era. 2000 (1990).
- SHISHITO, A. A. **Os circuitos de grafite na cidade de São Paulo (SP) e os diferentes usos do território na metrópole corporativa e fragmentada**. Rio Claro, 2018.
- SOUZA, M. BRUCE, G. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.
- SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. - 2013. 1 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- ZIBECHI, R. **Territórios em resistência**: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas. 1. ed. – Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

APÊNDICE 1 – roteiro da entrevista dos dados qualitativos

Entrevista oral

Griff. _____ Ass. _____ Uniões: _____ Quantos anos
de atividade _____

Visto o território como uma dinâmica conflituosa que envolve relações de poder do sistema (polícia, repressão, prop. Privada) e também possui formas subjetivas, podemos considerar que;

1. A pixação é uma forma de disputar território? De quais formas?
2. A pixação é uma forma de protesto e/ou uma forma de insubordinação frente a ordem/dominação imposta?
3. Apesar da pixação ser criminalizada e considerada como vandalismo no senso comum, ela também é uma forma de valorização, destaque e visibilidade dos sujeitos que as praticam? Como uma forma de se ter status e influência através dessa comunicação?
4. No geral, a pixação e os pixadores anseiam por justiça social e reparação ao povo pobre e preto?

5. A pixação, surgida e desenvolvida em São Paulo se expandiu para outras Cidades, Estados e Países? Comente essa expansão.

ENTREVISTA 1/4

Griff: FATOR **Ass:** Kin **Unões:** Anorexia **Quantos anos de atividade:** 14 anos.

Visto o território como uma dinâmica conflituosa que envolve relações de poder do sistema (polícia, repressão, prop. Privada) e também possui formas subjetivas, podemos considerar que;

- 1. A pixação é uma forma de disputar território? De quais formas?**

R: Sim, no sentido de deixar o nome lá mesmo, eu tô aqui, eu tô vivo.

- 2. A pixação é uma forma de protesto e/ou uma forma de insubordinação frente a ordem/dominação imposta?**

R: Isso, ninguém manda em mim. Isso, contra a propriedade privada.

- 3. Apesar da pixação ser criminalizada e considerada como vandalismo no senso comum, ela também é uma forma de valorização, destaque e visibilidade dos sujeitos que as praticam? Como uma forma de se ter status e influência através dessa comunicação?**

R: Acaba sendo respeitado, traz amizades. Traz muitas amizades, conheci vários caras que até hoje mantenho essa amizade.

- 4. No geral, a pixação e os pixadores anseiam por justiça social e reparação ao povo pobre e preto?**

R: Antes até era mais, agora as vezes, tá até meio moda. Antes tinha um porquê. Já fui em festa na casa do Ileais riber, que ele fazia festas no fim do ano da pixação, e que os próprios pixadores levavam brinquedos, cestas básicas etc tudo para distribuição lá da quebrada dele. No próprio convite já vinha a informação para levar brinquedos. O mano é dahora, representa.

5. A pixação, surgida e desenvolvida em São Paulo se expandiu para outras Cidades, Estados e Países? Comente essa expansão.

R: Orra, vários caras daqui do brasil já foram pixar até em exposições lá fora. Não tenho certeza, mais o mano Telas, um mano do Nada.?.Somos foram tudo pra Alemanha pixar. Sem contar o pixo presente no interior de São Paulo, em Curitiba, Belo horizonte e um monte de lugar.

Pelo que eu conheço, tem uns lugares como Rio de Janeiro, Ceará que é diferente. O pessoal chama de xarpi, tem uns traços diferentes. Mas a modalidade de São Paulo expandiu bastante, a rapa de campinas, “Os fora de hora” é muito loko.

ENTREVISTA 2/4

Griff: PIXAIN **Ass:** Royal **Unões:** Anorexia **Quantos anos de atividade**
20 anos

Visto o território como uma dinâmica conflituosa que envolve relações de poder do sistema (polícia, repressão, prop. Privada) e também possui formas subjetivas, podemos considerar que;

1. A pixação é uma forma de disputar território? De quais formas?

R: Aham, pelo que eu acho, é um gesto anti governo, anti a lei, e é uma escrita, o ser humano gosta de escrever, desde a época dos primatas. Isso é hobby. Em relação ao território é assim, você geralmente é conhecido pelo o que você faz. As vezes a pessoa nem te conhece mas sabe do seu role entendeu, sabe sua marca, sua caminhada no pixo. Pq quem gosta e observa, lembra dos roles, das quebradas etc. Já teve vez deu trombar uns mano de mogi no centro de São Paulo e os cara reconhecer um role meu em São thomé das letras depois de mais ou menos 10 anos.

2. A pixação é uma forma de protesto e/ou uma forma de insubordinação frente a ordem/dominação imposta?

R: Certo, contra as leis, contra a dominação da elite e da política, por que não tem retorno, muito ganancia dos maiorai ai, eles não olham para a periferia, isso daí é tipo um protesto da periferia. E é até bom, a adrenalina do pixo é tipo uma valvula de escape, faz você nem querer ir pro tráfico, nem pro crime. Na forma deu ver, a pixação não é crime. A pixação é uma arte, é uma arte, voce ate pode sujar uma propriedade de alguém, algo publico, mas ela para mim é arte.

3. Apesar da pixação ser criminalizada e considerada como vandalismo no senso comum, ela também é uma forma de valorização, destaque e visibilidade dos sujeitos que as praticam? Como uma forma de se ter status e influência através dessa comunicação?

R: Isso é, porque quanto mais você faz, você conhece muitas pessoas, de muitos lugares diferentes. E também você acaba conhecendo as pessoas pessoalmente mas também não só; pelo rolê que ela tem. Voce cria uma imagem daquele pixo, você conhece primeiro a marca da pessoa pra depois conhecer ela. E quanto mais a pessoa faz, mais ela é conhecida, mais ela é lembrada de geração pra geração.

4. No geral, a pixação e os pixadores anseiam por justiça social e reparação ao povo pobre e preto?

R: Sim, em prol do povo e da liberdade de expressão. Ela não chega ser uma violencia, é uma forma de expressão.

5. A pixação, surgida e desenvolvida em São Paulo se expandiu para outras Cidades, Estados e Países? Comente essa expansão.

R: Sim, ela vem muito das letras dos discos de rock. Começou na década de 80, e em 90 e depois dos anos 2000, muitas festas, muitos pixadores foram surgindo e se expandindo para Curitiba, bahia, nordeste, que depois da globalização da internet, orkut, facebook, começou uma expansão forte. Pelas fotos, pelo estilo, Campinas, até outros países.

ENTREVISTA 3/4

Griff. RAPA **Ass.** Samoth **União:** Ralé, União faz a força e Sociedade Alternativa **Quantos anos de atividade** 15 anos

Visto o território como uma dinâmica conflituosa que envolve relações de poder do sistema (polícia, repressão, prop. Privada) e também possui formas subjetivas, podemos considerar que;

6. A pixação é uma forma de disputar território? De quais formas?

R: a, eu fiz rua por rua, até chegar no centro, eu via a rota do busão e fazia para que as pessoas passassem ali e vissem que eu residia por ali. Da mesma forma que você sobe o prédio e voce que rua esteja la em cima para ser superior, voce quer estar acima, visibilidade.

7. A pixação é uma forma de protesto e/ou uma forma de insubordinação frente a ordem/dominação imposta?

R: Acredito um pouco nisso, depende da forma que você interpreta. Mas é um pouco disso sim, eu vi coisas e estive em lugares que eu não veria se não estivesse pixando, conheci a cidade por exemplo através da pixação. Aonde eu fiz isso e vi também o que havia de precariedade na cidade também porque eu estive em lugares que era um lugar tão diferente para mim consertar habituando ali por não ter o desenvolvimento sócio-econômico mas também era um lugar às vezes muito drástico, a ponto de eu me perguntar porque existe pessoas nessa situação. Vários casos assim [...]

8. Apesar da pixação ser criminalizada e considerada como vandalismo no senso comum, ela também é uma forma de valorização, destaque e visibilidade dos sujeitos que as praticam? Como uma forma de se ter status e influência através dessa comunicação?

R: É, sim, e é até complicado isso porque muitos fazem pelo status, começa com esse amor e quando ele ver ele já tá cego né, ele só quer a marca em todos lugares, e até às vezes ultrapassa limites, N casos de pessoas que morreram por causa disso que eu acho que ali que o cara se perdeu. Não entendeu mais o que era o pixo. eu falo por mim mesmo assim eu cansei de sair às vezes sozinho para não pixar com os caras,

para fazer só o meu, e de uma forma nada a ver porque eu não sei, acho que o cara o é “bafo” -conforme vai ganhando esse status, e esse poder, que você conhece, então tipo até o tico do Pavilhão que ele Assassinou dois brothers porque o cara tava defendendo o cara que ele queria matar por causa de pixo. Então tipo, a essencia mesmo. Nesse momento que eu percebi que é só uma tinta na parede mesmo e é isso, ta ligado.

9. No geral, a pixação e os pixadores anseiam por justiça social e reparação ao povo pobre e preto?

R: Também, com certeza a busca desse ibope, dessa fama não é à toa né, é uma forma de você estar, é uma forma de você mostrar que você existe, você impacta, você está num lugar que ninguém nem ia deixar você passar a catraca né, nem na portaria, mas você tá lá em cima e eles nem te viram, eles subestimaram tanto você, que você passou por tudo isso, fez um pixo e foi embora. Daí eles ficam perguntando porque, querendo a justificativa que são vândalos, mas tipo, obvio que isso é vandalismo. Eles são tão cultos, que não tem a perspectiva de entender aquilo, de como é difícil fazer isso né porque o cara trabalha o dia inteiro, tem família e aí ele fica ausente da família e o sagrado, para comprar tinta para denegrir um patrimônio privado. Tem muito amor pela parada.

10. A pixação, surgida e desenvolvida em São Paulo se expandiu para outras Cidades, Estados e Países? Comente essa expansão.

R: Sim, ela se expandiu de uma forma que nem os pixadores imaginavam. Devido a tecnologia, comecei perceber isso em 2005/2006 quando o bacal do “túmulos” já fazia vídeos e colocava no YouTube lá no Japão, inclusive ele foi pego por isso e tal, E aí através do YouTube lá no Japão era visível que era brasileiro que fazia, por causa dos traços. E aí depois de um tempo acontece toda essa repercussão de invasão de picos privados, gravações de DVD e tudo mais. e aí você vê que ele vai se expandindo, vai levando para o outro patamar. E teve pessoas que souberam surfar nisso. Eu acho que isso vem principalmente pela estética, eu digo isso porque eu vi pessoas que eu admirava na pixação, que é “Os Cururu” porque ele tinha um traço e hoje ele tem outro traço esteticamente, porque ele sacou o que estava acontecendo, e você olhar lá em 2008 você vai ver que o traço não é similar, é a mesma letra porém ouve uma evolução de se foscara, tomar várias janelas, e nessa estética, através dessa evolução que vende para fora, eu estive em Berlim e aí lá eu percebi que estava sendo expandido isso, porque eu vi um

artista que fez uma lateral com letra de pixo, quando cheguei mais perto vi que estava desenhado, então tipo, estava tentando chegar na estética do pixo. E aí anos depois “Os Cururu” vai parar lá, e o gringo foi atrás dele. O cara fez um rolê junto com ele porque ele queria entender o que que estava acontecendo, assim que você vê, que está num nível Mundial, e os caras estão tentando entender como que é, porque é algo daqui, porque é criado geneticamente aqui. Os caras tem vindo muito para cá, para entender o que tá acontecendo, e como funciona. Isso é um impacto positivo, por mais que seja vandalismo e não vai deixar de ser, mas pensar isso esteticamente é muito louco, você analisar os lugares que ele fez e como ele fez, já está impactando, e tá fazendo as pessoas enxergarem, criticarem etc. isso é arte. Pensar ô porque, quando fez, isso feio, isso é bonito ou vice-versa então você está fazendo arte para mim. Isso foi impactante porque já se tornou global, e em outros estados já estão acompanhando. Hoje está complexo, você vê no Japão, na França, Berlim, lá em Portugal. E já logo associam que é forma de fazer de brasileiros.

ENTREVISTA 4/4

Griff. TRAGO

Ass. Zore

Unções: Mania de pixar e Todos contra nós

Quantos anos de atividade 20 anos

Visto o território como uma dinâmica conflituosa que envolve relações de poder do sistema (polícia, repressão, prop. Privada) e também possui formas subjetivas, podemos considerar que;

11. A pixação é uma forma de disputar território? De quais formas?

R: Ao meu ver, sim, a gente faz na quebrada de outros mano, e outros cara faz na nossa quebrada. Isso é dahora. Uns mano vem de longe pra pixar na nossa quebrada e isso é dahora. Entre nós pixadores nem tanto, mas existe também uma certa disputa, já aconteceu comigo até, um mano ali que não gosta de mim por conta de vários buxixo ficou pá porque nois encostou na quebrada dele e bagaçamos, e eu fui no puro ódio mesmo, na intenção de pixar a padaria que aquele mano compra pão. Então nessa situação sim, mas no geral, acredito que entre nós eu não vejo dessa forma. Tipo, existe isso, mas a união, a amizade prevalece.

E rola também, querer ir fazer nuns pico de boy, nuns prédio, e pocas, só rolê certo, as lateral planejada etc.

12. A pixação é uma forma de protesto e/ou uma forma de insubordinação frente a ordem/dominação imposta?

R: Sim, totalmente. Contra o sistema. A gente age na madrugada, tá no sangue, quem tá na rua sabe.

13. Apesar da pixação ser criminalizada e considerada como vandalismo no senso comum, ela também é uma forma de valorização, destaque e

visibilidade dos sujeitos que as praticam? Como uma forma de se ter status e influência através dessa comunicação?

R: Sim, várias amizades. Mas também várias inimizades, vários recalques também. Como exemplo, tem a nossa festa aqui na quebrada a mais de 10 anos, e no decorrer dela, quem falou mal, no dia encostou e curtiu o baile com nós. Muitas pessoas, o pessoal da comunidade fala mal, que vai vim uma par de maloqueiro, pixar tudo e tal. Só que no fim, a gente é um dos únicos que ta movimentando a comunidade.

14. No geral, a pixação e os pixadores anseiam por justiça social e reparação ao povo pobre e preto?

R: Sim.

15. A pixação, surgida e desenvolvida em São Paulo se expandiu para outras Cidades, Estados e Países? Comente essa expansão.

R: Sim, tenho vários parsas que levou pro Japão, Áustralia, o Zé do “Lixomania” levou pros Estados Unidos, o “Kop” levou pro Peru. E várias outras cenas, no interior de SP nem se fala, em outros Estados do Brasil também.

Autorização

Eu, Bruna Garcia Maciel, Solteira
(estado civil), RG 44.540.875-1, declaro para os devidos
fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada na data 09/03/20 para a
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, realizada pelo
pesquisador Igor Albuquerque usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos
e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros
ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à UNESP que tem guarda da mesma,
bem como os direitos de imagem cedidos.

Guarulhos, 09 de março de 2020.

Bruna Garcia Maciel
(Nome)

[Assinatura]
(Assinatura)

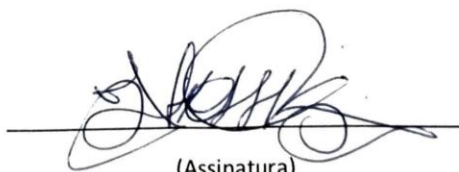
Autorização

Eu, THOMAS MARCEL NASCIMENTO COSTA, Solteiro
(estado civil), RG 47982770-9, declaro para os devidos
fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada na data 09/03/20 para a
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, realizada pelo
pesquisador Igor Albuquerque usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos
e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros
ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à UNESP que tem guarda da mesma,
bem como os direitos de imagem cedidos.

Guarulhos, 09 de março de 2020.

THOMAS M. NASCIMENTO COSTA

(Nome)



(Assinatura)

Autorização

Eu, THIAGO DE SOUZA FIGUEIREDO, SOLTEIRO
(estado civil), RG 27.574.543-0, declaro para os devidos
fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada na data (10/03/20) para a
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, realizada pelo
pesquisador Igor Albuquerque usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos
e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros
ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à UNESP que tem guarda da mesma,
bem como os direitos de imagem cedidos.

Guarulhos, 10 de março de 2020.

THIAGO DE SOUZA FIGUEIREDO

(Nome)

THIAGO

(Assinatura)

Autorização

Eu, Eric Malacou de Melo CASADO
(estado civil), RG 35.190.237-7, declaro para os devidos
fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada na data 05/03/2020 para a
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, realizada pelo
pesquisador Igor Albuquerque usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos
e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros
ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à UNESP que tem guarda da mesma,
bem como os direitos de imagem cedidos.

Guarulhos, 05 de março de 2020.

Eric Malacou de Melo
(Nome)


(Assinatura)